



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

GIULIANA VENÂNCIO DO NASCIMENTO

PAISAGEM E O TURISMO: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO
MUNICÍPIO DO UIRAMUTÃ-RR

Boa Vista, RR
2018

GIULIANA VENÂNCIO DO NASCIMENTO

PAISAGEM E O TURISMO: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS
MORADORES DO MUNICÍPIO DO UIRAMUTÃ-RR

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) da
Universidade Federal de Roraima como pré-
requisito para obtenção do título de Mestre
em Sociedade e Fronteiras. Linha de
pesquisa: II Fronteiras e Processos
Socioculturais.

Orientador: Prof^o Dr. Antônio
Tolrino de Rezende Veras.

Boa Vista, RR
2018

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

N244p Nascimento, Giuliana Venâncio do.

Paisagem e o turismo : uma análise da percepção dos moradores do Município do Uiramutã-RR / Giuliana Venâncio do Nascimento. – Boa Vista, 2018.

93 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

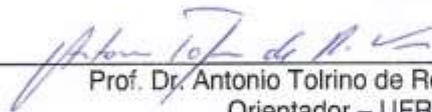
1 – Uiramutã. 2 – Roraima. 3 – Moradores. 4 – Percepção. 5 – Paisagem. I – Título. II – Veras, Antônio Tolrino de Rezende (orientador).

CDU – 911.375.52:79(811.4)

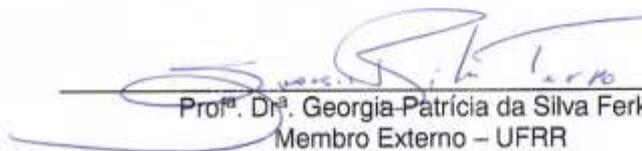
GIULIANA VENANCIO DO NASCIMENTO

"PAISAGEM E O TURISMO: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DO UIRAMUTÃ-RR".

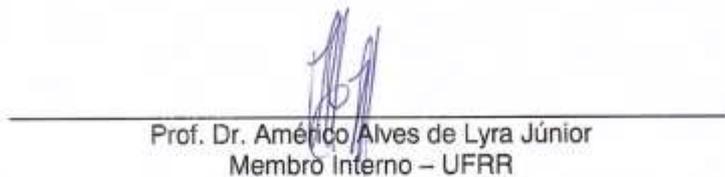
Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia. Defendida em 29 de Março de 2018 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras
Orientador – UFRR



Prof. Dr. Georgia Patrícia da Silva Ferko
Membro Externo – UFRR



Prof. Dr. Américo Alves de Lyra Júnior
Membro Interno – UFRR

Aos moradores da sede do Uiramutã.
À minha família, alicerce e fonte de motivação diária.

AGRADECIMENTOS

A Ele, meu bom Deus, que me guiou e abriu os caminhos durante toda minha jornada. Ao meu orientador, Professor Doutor Antônio Tolrino de Rezende Veras, que fez mais que o trabalho de um docente, foi amigo, mestre e às vezes até forte como um pai que busca o melhor para um filho.

À Universidade Federal de Roraima, pelas muitas oportunidades que ao longo dos 06 (seis) anos, entre graduação e pós-graduação, me enriqueceu com conhecimento e experiências.

Ao PPGSOF, considerando professores, coordenadores e estagiários, agradeço!

À minha mãe Roseane, pelo seu amor incondicional e dedicação em todos os momentos da minha vida que mesmo distante incentivou meu crescimento e principalmente pelos valores morais transmitidos.

Ao meu padrasto, Raimundo Pedro, pela confiança depositada e pelo incentivo. Talvez essas pequenas palavras não possam demonstrar o tamanho da minha gratidão e admiração pela pessoa que és e que me fazes ser.

À minha avó materna Catarina, à minha irmã Jussara e aos meus sobrinhos Lucas, Sara, Rebeca e Ana, que tornaram meus dias mais alegres. Vocês juntos enriquecem meus dias e fortalecem com os gestos diários de afeto.

Ao meu pai, Geraldo, a quem tomei por referência de força e persistência na busca por crescimento, mesmo com a distância entre nós, agradeço pelos valores morais que ajudaram na formação da minha identidade.

Aos amigos e amigas, em especial aqueles que estiveram comigo durante o tempo que morei em Roraima, pelo apoio e compreensão. Em especial as minhas queridas e amadas Railma, Elânia e Ângela, pelo ouvir, pelo apoio e pelo amor. Palavras são poucas ante o sentimento de gratidão.

À minha Katiza, amiga inestimável que me acompanhou desde seleção até os dias finais. Obrigada pelas horas de conversas e pela paciência com minhas lamúrias.

Aos meus amigos Lausson e David, companheiros de estudos e fieis escudeiros durante minhas atividades de campo.

Aos meus companheiros de luta, pelas palavras de apoio e galhos quebrados. Fomos fortes!

Ao meu querido Aluísio, pela paciência com minha chatice e dilemas de mestrandia. Obrigada pelo café quentinho e companhia sempre agradável.



“[...] devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização”.(SANTOS, 2001, p.18).

RESUMO

Dentro do cenário do estado de Roraima, o Uiramutã tem um papel de destaque pelas inúmeras belezas que abriga em seu território. Isso tem posto em evidência fatos antigos e realidades atuais, principalmente, por aqueles que vislumbram convertê-lo em rota turística. Sabendo que o turismo e a paisagem são elementos inseparáveis, pois esse depende da percepção dos indivíduos sobre aquele. A paisagem revela muito da realidade local, pois, implica nos valores atribuídos pelas pessoas aos seus elementos, sendo essa valoração um reflexo das suas vivências e experiências. Ao falar sobre a paisagem, Rosendehal (1998) afirma que ela é um composto de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. Nesse sentido, o presente trabalho teve por objetivo analisar a percepção dos moradores do Uiramutã-RR quanto a paisagem e a prática do turismo. Para esse fim, se buscou através de uma abordagem fenomenológica, um métodos e técnicas que conseguissem alcançar as objetividades e subjetividades dos moradores da sede do Uiramutã. Destarte, a técnica de Análise do Conteúdo foi escolhida para interpretação dos dados. Para coleta, foram utilizados dois instrumentos, a entrevista e questionários cujos resultados fazem parte do corpo deste trabalho. Dos dados obtidos, se verificou que a percepção dos moradores quanto paisagem e do turismo é reflexo dos fenômenos experimentados por eles no tempo passado e no presente. De modo que, em suas falas os entrevistados mostram que o valor atribuído por eles ao lugar não se limita apenas a sede do município, mas englobam todo o território, inclusive a TIRSS, pois, a paisagem que lhes desperta sentimentos e cria laços não foi demarcada.

Palavras-chave: Uiramutã; Roraima; Moradores; Percepção; Paisagem; turismo.

ABSTRACT

Within the scenery of the state of Roraima, the Uiramutã has a prominent role for the innumerable beauties that it shelters in its territory. This has highlighted ancient facts and current realities, mainly by those who envisage converting it into a tourist route. Knowing that tourism and the landscape are inseparable elements, since this depends on the perception of the individuals on that one. The landscape reveals much of the local reality, because it implies the values attributed by people to their elements, and this valuation is a reflection of their experiences and experiences. In speaking about the landscape, Rosendehal (1998) states that it is a compound of forms, both physical and cultural. In this sense, the present study aimed to analyze the Uiramutã-RR residents' perception of the landscape and the practice of tourism. To this end, a methodological approach was sought, methods and techniques that managed to reach the objectivities and subjectivities of the residents of Uiramutã. Hence, the Content Analysis technique was chosen to interpret the data. For the collection, two instruments were used, the interview and questionnaires whose results are part of the body of this work. From the data obtained, it was verified that the inhabitants' perception of landscape and tourism is a reflection of the phenomena they experienced in past and present time. Thus, in their statements, the interviewees show that the value attributed by them to the place is not limited only to the seat of the municipality, but encompasses the entire territory, including TIRSS, since the landscape that awakens feelings and creates bonds outside demarcated.

Keywords: Uiramutã; Roraima; Residents; Perception; Landscape; tourism

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 1 - Métodos e Técnicas da Pesquisa.....	19
Figura 2 - Desenvolvimento da Análise do Conteúdo.....	22
Figura 3 - Campos dos Saberes em Turismo.....	25
Figura 4 - Sistema Turístico - SISTUR.....	33
Figura 5 - Descrição da Paisagem.....	38
Figura 6 - Cheia de 2017 no Uiramutã- Via principal.....	44
Figura 7 - Estilo de Moradia I.....	46
Figura 8 - Estilo de Moradia II.....	46
Figura 9 - Organização do Centro Comercial.....	47
Figura 10 - Malocção Cultural.....	48
Figura 11 - Casa de Festa - Peça e Pague.....	49
Figura 12 - Quadra de Volei.....	50
Figura 13 - Campo de Futebol.....	51
Figura 14 - Comércio Informal na Praça.....	52
Figura 15 - Bingo dos Sábados.....	53
Figura 16 - Cachoeiras visitadas pelos moradores e turistas.....	73
Figura 17 - Hotéis e Pousadas.....	78
Mapa 1 - Mapa da Geodiversidade de Roraima.....	43
Mapa 2- Sede do Município do Uiramutã.....	45
Mapa 3 - Mapa Geoturístico de Roraima.....	70
Mapa 4 - Terras Ocupadas de Roraima.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nível de Escolaridade	58
Gráfico 2 - Ocupação Profissional.....	59
Gráfico 3 - Renda Mensal.....	59
Gráfico 4 - Tipo de Moradia.....	60
Gráfico 5 - Meio de Transporte	60
Gráfico 6 - Percepção da Paisagem	64
Gráfico 7 - Percepções do Turismo	69

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 - Escolas Filosóficas do Turismo.....	26
Quadro 2 -Perfil dos Entrevistados.....	63
Tabela 1 - Categorias da Análise.....	23
Tabela 2 - Tempo de Residência.....	61
Tabela 3 - Faixa Etária.....	61
Tabela 4 -Identificação dos Moradores.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	14
1.1 JUSTIFICATIVA	16
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	17
1.2.1 Tipo de Pesquisa	18
1.2.2 Método de Pesquisa	19
1.2.3 Coleta de dados	20
1.2.4 Forma de Análise	21
2 CAPÍTULO I - TURISMO E ESPAÇO: CONCEITOS E QUESTÕES NORTEADORAS	24
2.1 O TURISMO E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	24
2.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO E O SISTEMA DE TURISMO	29
3 CAPÍTULO II - A PAISAGEM: OBJETIVIDADES E SUBJETIVIDADES DA PERCEPÇÃO	37
3.1 A PERCEPÇÃO DO HOMEM: PAISAGEM E LUGAR.....	37
3.2 O LUGAR DO HOMEM E A TOPOFILIA	39
4 CAPÍTULO III - CAMINHOS DO UIRAMUTÃ – CONTEXTUALIZANDO O <i>LOCUS</i> DE PESQUISA	42
4.1 ASPECTOS FÍSICOS E ESPACIAIS DO UIRAMUTÃ: LIMITES E POTENCIALIDADES	42
4.2 O TERRITÓRIO NO UIRAMUTÃ: DILEMAS DE SUA FUNDAÇÃO E A TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL.....	53
5 CAPÍTULO IV – A EXPERIÊNCIA DOS MORADORES DO UIRAMUTÃ	57
5.1 O CIDADINO DO UIRAMUTÃ: PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS MORADORES	57
5.2 A PAISAGEM: SIGNIFICAÇÕES E SENTIDOS DO LUGAR	62
5.3 PERCEPÇÕES DO TURISMO NO UIRAMUTÃ	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA – PESQUISA SOBRE A PERCEÇÃO DOS MORADORES DA SEDE DO UIRAMUTÃ	88
ANEXO B - QUESTIONÁRIO DO PERFIL DA POPULAÇÃO DA SEDE DO UIRAMUTÃ	89
ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA	91
ANEXO D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	92

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores¹.*

Com trecho desta poesia romântica de Gonçalves Dias, retrato o sentimentalismo envolto na percepção do homem sobre o seu lugar. A paisagem descrita apresenta elementos naturais e culturais que aproximam o homem do espaço que habita, revelando assim, os laços afetivos. O saudosismo, refletido no trecho, remetem a percepção do autor com relação ao lugar e o anseio em voltar para aquele ambiente.

Assim como descreve Tuan (2012, p. 139), “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos”, ou seja, envolve experiências e vivências. Nesse sentido, a paisagem não é apenas um campo cheio de elementos físicos, mas sim, um universo de valor simbólico dentro da experiência e vivência de cada indivíduo e da dinâmica social deste com o lugar que habita ou recorda.

Destarte, tendo a paisagem como elemento de compreensão da realidade de um lugar, a intenção de buscar nos indivíduos suas percepções seria a possibilita de adentrar no entendimento desses sobre a aquilo que vivenciam no lugar e conseqüentemente nas suas perspectivas atuais e futuras.

A paisagem da qual se faz menção é aquela que traz consigo elementos naturais e culturais como são percebidas pelos seus membros. Estas configurações denotam que a “paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis” (SANTOS, 1988, p. 24).

¹ Antônio Gonçalves Dias (Caxias, 10 de agosto de 1823 — Guimarães 4, 3 de novembro de 1864) foi um poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Grande expoente do romantismo brasileiro e da tradição literária conhecida como "indianismo", é famoso por ter escrito o poema "Canção do Exílio" — um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira. MARTINS, Rodrigo Nóbrega. Romantismo no Brasil. REVISTA DISCENTES, v. 1, n. 3, p. 18-19, 2018.

No contexto da dinâmica social, o Locus da pesquisa é o município do Uiramutã. Localizado no extremo norte do Brasil, compondo a tríplice fronteira (BRASIL/GUYANA/VENEZUELA); conhecido no Brasil e parte do mundo pelo conflito da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol e, mais recente, pelas belezas naturais e culturais que atraem visitantes. Revelou-se um campo de estudos proeminente.

A questão do turismo, pela sua relação com a paisagem, conduziu a escolha desses campos como referência ao presente estudo. Como a paisagem é a principal motivação na escolha do destino turístico, ela determina o tipo de turismo e o modo de implementação deste, e posteriormente, o comportamento dos receptores e visitantes. Deste modo, entender a percepção do turismo através das referências paisagísticas é um campo notável para pesquisas.

Portanto, a problemática desta dissertação foi compreender a percepção dos moradores da sede do Uiramutã sobre a paisagem e turismo, a fim de evidenciar os fenômenos ali presente que fazem parte da realidade vivida e percebida. Para tal, ficou definido como objetivo principal analisar a percepção dos moradores do Uiramutã-RR quanto à paisagem e à prática do turismo. Como objetivos secundários: caracterizar o município através dos elementos históricos da paisagem, a fim de compreender a relação socioespacial do cidadão com o lugar; identificar o perfil socioeconômico dos moradores da sede do Uiramutã; compreender a percepção dos moradores da sede do município sobre a paisagem e o turismo através da vivência e experiência.

Traçados os objetivos, posteriormente se buscou os embasamentos teóricos. Esses, por sua vez, foram conduzidos em torno do conceito de paisagem, através da abordagem humanística da geografia e o do turismo, partindo da perspectiva fenomenológica deste. Assim, considerando os objetivos supracitados, esta dissertação se apresenta em quatro capítulos, aos quais, os alinhamentos conduzem ao objeto e sujeito de pesquisa.

Esse labor, como menciona Minayo (2002, p. 12), “caminha sempre em duas direções: numa elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas”.

No primeiro desses capítulos, intitulado de Abordagens Iniciais: Conceitos e Questões Norteadoras, anunciam-se as primeiras referências teóricas apresentando conceitos de turismo, produção do espaço e sua relação com a paisagem. Essa discussão se desenvolve a partir dos estudos de Moesch (2002); Panosso Netto; Trigo (2009), com a construção da teoria do turismo. Carlos (2008), Yazigi (2001); Cruz (2006) e Beni (1998) no delineamento quanto à produção do espaço no turismo, a relação sistêmica do turismo e a dinâmica entre paisagem

e turismo.

O segundo capítulo, por sua vez, nomeado de A Paisagem: Objetividades e Subjetividades da Percepção, conduz à reflexão da paisagem como campo de referência para os estudos da percepção individual. Essa percepção, passa a ser considerada mediante as referências de Yi Fu Tuan (1982; 2012; 2013), Milton Santos (1988; 2006; 2012) e Rosendheal (1997; 1999; 2005) dentro de uma perspectiva humanística da geografia, trabalham a paisagem e as dinâmicas do homem com o seu lugar.

Já o terceiro capítulo “Caminhos do Uiramutã – Da fundação aos dias atuais”, por sua vez, traz uma breve noção do Uiramutã, não adentrando nas questões de mérito sobre o espaço e território, mas sim, visando caracterizar o município através dos elementos históricos do território do Uiramutã e de aspectos físicos da paisagem, a fim de fornecer elementos que subsidiem a compreensão da relação socioespacial do cidadão com o lugar.

Por fim, o último capítulo A Percepção dos Moradores do Uiramutã –Análise dos Dados, denota a análise dos dados obtidos. Com o uso de técnicas qualitativas e quantitativas tais como aplicação de questionários e realização de entrevistas, as inferências revelaram a dinâmica social do lugar através das percepções de seus munícipes.

1.1 JUSTIFICATIVA

As escolhas do tema e do local de pesquisa se deram em virtude do interesse pessoal de compreender a dinâmica ali presente, pois, constantemente o turismo é posto em discussão como alternativa de desenvolvimento para o referido município dado as suas riquezas naturais e culturais.

Em 2015 tive o primeiro contato com Uiramutã, após conversas com amigos que haviam estado lá, visitando suas cachoeiras. Muito ouvi sobre as belezas que ali haviam, principalmente, pelas suas cachoeiras e corredeiras. Numa prévia pesquisa, a fim saber mais sobre o que escutara, verifiquei relatos de viajantes em blogs e em páginas de redes sociais, que descreviam suas experiências. Contudo, quando cheguei ao local, me deparei com uma estrutura nada comum para uma cidade turística, assim, quando retornei da viagem passei a pesquisar, agora cientificamente, sobre o Uiramutã.

Durante minhas pesquisas, verifiquei que o espaço correspondente à sede do município, na verdade, só existe como tentativa de limitação ao processo de demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do sol — TIRSS. E que por sua vez, especificamente, sobre o

turismo, esse demandava de autorização legal para exploração dos recursos paisagísticos com fim turístico. Constatei ainda que, a infraestrutura e baixo desenvolvimento do município era algo comum, não apenas lá, mas na maioria dos municípios de Roraima.

Outro ponto que me chamou atenção foi a limitada produção científica, principalmente no que diz respeito ao turismo. Constatei a existência de apenas duas dissertações correlacionadas ao turismo, sendo uma delas correspondentes ao uso do Parque Nacional Monte Roraima, e o outro sobre o Enoturismo e a Educação Indígena. Em ambos trabalhos, a relação do turismo e terras indígenas foi debatido, porém, não nenhum deles adentrou-se na relação do morador da sede do Uiramutã com as temáticas.

Sabendo que a ausência de estudos científicos implica na prevalência do empirismo ou/e contribui para a construção e fortalecimento de um imaginário mistificado em torno deste tema. Ainda em 2015, quando da abertura do processo seletivo para ingresso no Mestrado em Sociedade e Fronteiras, decidi pela elaboração de um pré-projeto sobre o turismo no Uiramutã.

Tendo em vista que, o turismo enquanto fenômeno social desperta interesse por diferentes aspectos: o impacto que provoca na vida dos receptores e visitantes, as mudanças de comportamento, relações com o lugar, o saber que é transmitido, a circulação de renda; o meio ambiente e a cultura do lugar turístico entre outros. (DIAS, 2003). Ou seja, possui ampla possibilidade de leituras dado o seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar.

Decidi por investigar a percepção dos moradores da sede do referido município quanto a paisagem local e turismo, pois, dentre as inúmeras leituras realizadas e da ausência de estudos com a população da sede sobre o tema, percebi a relevância social deste estudo.

Portanto, o que se buscou no presente estudo foi trazer elementos científicos que justifiquem a dinâmica social do Uiramutã, de modo que sirva como parâmetros para as pesquisas que virão.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Definido o problema de pesquisa “Compreender a percepção socioespacial dos moradores da sede do município do Uiramutã-RR sobre a paisagem local e o turismo”, o momento subsequente foi marcado pela escolha dos métodos e técnicas de norteadores para o desenvolvimento do presente trabalho. Frisando que, para fins desta pesquisa, o conceito de paisagem abarca a dimensão da percepção do homem, bem como, seus sentimentos e relação com o espaço. E que, o turismo, aqui mencionado, não tem por finalidade sua implementação,

mas sim, busca entender o que é vivenciado pelos citados e interpretá-lo através das bases conceituais aqui citadas.

O método e a técnica de pesquisa (Figura 1) correspondem ao caminho para se chegar ao seu fim. O que no universo acadêmico corresponderia a produção do saber científico. Essa cientificidade, de acordo com Minayo (1994, p. 12), “tem que ser pensada como uma ideia reguladora da alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos”.

Desse modo, o presente título se subdivide em quatro subseções: o tipo de pesquisa, método de pesquisa, coleta de dados e forma de análise.

1.2.1 Tipo de Pesquisa

Como o objetivo principal desta pesquisa é a busca por revelar a percepção dos cidadãos de modo geral, próximo e determinado sobre a paisagem e o turismo, a presente pesquisa se insere no universo exploratório (Figura 1). O que enfatiza o caráter exploratório desta pesquisa é o fato do tema abordado ser pouco explorado pois, como mencionado anteriormente, as pesquisas anteriores não envolveram os moradores da sede.

Logo, o presente estudo proporcionará maiores saberes sobre o turismo a partir de outra ótica. No entanto, esse tipo de pesquisa é complexo, pois, envolve certa proximidade do pesquisador com o fenômeno observado. Outro aspecto que torna dificultosa é o fato de não haver um critério padronizado, ou seja, ele exige certa especificidade. (GIL, 2008). Logo, a difícil tarefa de juntar dois polos ao mesmo tempo, exige do pesquisador certa criticidade e parcialidade, pois, manter-se imparcial na observação de fatos num espaço em que se é, por vezes, participe ou paciente tornar-se uma tarefa exaustiva.

Minayo (1994, p. 12) discorrendo sobre a cientificidade das pesquisas sociais, descreve que essa tem que ser “pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como um sinônimo de modelos e normas a serem seguidos”. Assim sendo, quando da descrição de pesquisa que foi adota, ele segue a lógica demonstrada na figura 1.

Figura 1 - Métodos e Técnicas da Pesquisa



Fonte: A autora (2018).

1.2.2 Método de Pesquisa

Como se pretendeu estudar uma realidade específica, o procedimento escolhido foi o estudo de caso. Ele permite ao pesquisador reter características holísticas e significativas dos eventos em vida real, tais como o comportamento dos indivíduos. (YIN, 2010).

No caso desta pesquisa, o estudo ocorreu no município do Uiramutã em dois momentos no decorrer do ano de 2017, sendo ele detalhado no tópico a seguir. No entanto, outro procedimento do utilizado durante a pesquisa foi o bibliográfico, a fim obter fundamentação teórica e levantar informações sobre o local de pesquisa, seja em elementos históricos, econômicos, políticos, sociais e ambientais.

Naquela ocasião, buscaram-se explicações aos fenômenos que envolviam a atual dinâmica do lugar em questão, pois, nas falas dos entrevistados e comportamentos observados se evidenciava a relação com os fatos passados e limitados a legislação recente. De tal modo que, o levantamento do processo histórico e uma leitura das questões mais recentes se fez necessário tanto antes quanto durante do desenvolver da pesquisa.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2008, p. 50).

Ele foi marcado por dois aspectos que são inerentes à revisão da bibliografia, um que

consiste na análise das pesquisas antecessoras sobre o tema trabalhado e/ou correlatos e o segundo que fundamenta a discussão do referencial teórico.

O que consistiu em realizar-se a pesquisa primária, onde há consulta aos dados ainda não tratados (revistas, documentos oficiais, notícias entre outros), e pesquisa secundária, no que se tem os dados já trabalhados, sendo esses os fundamentos teóricos e a produção científica sobre o tema (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

1.2.3 Coleta de dados

Passado o primeiro contato com a temática, realizou-se a pesquisa de campo, que ocorreu mediante o uso de três técnicas: registro fotográfico, aplicação de questionários e entrevistas. As realizações de registros fotográficos tiveram por finalidade mostrar os elementos do contexto de paisagem natural e cultural do município. Essa ferramenta de aplicação de questionários introduziu elementos de cunho socioeconômicos acerca da população residente da sede do município, bem como, como fonte de comparação entre as percepções dos indivíduos. Por fim, as entrevistas com os cidadãos que traziam a descrição detalhada da dinâmica social do Uiramutã.

O contato com os entrevistados transcorreu-se em dois momentos, o primeiro foi em meados de março de 2017, onde naquela ocasião realizamos a apresentação das intenções de pesquisa, bem como das suas implicações e objetivos. Já no segundo momento, em outubro de 2017, se procedeu com a coleta dos dados correlatos à parte quantitativa da pesquisa e, logo após, se efetivaram as entrevistas.

A respeito das entrevistas, para tal, o critério de seleção de entrevistados se deu a partir relação destes dentro do município e/ou com a prática do turismo, sendo esses compilados em três grupos: moradores influentes, proprietários de estabelecimentos comerciais e autoridade reconhecida. Ambos foram sugeridos pelos moradores durante a realização do levantamento quantitativo da pesquisa.

Foram considerados entre os cidadãos aqueles com maior tempo de moradia, papel social e aceitação do grande grupo. Essa classificação resultou na aplicação de 6 entrevistas individuais e uma com o grupo de jovens.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, optou-se pelo uso das entrevistas gravadas e para tal foi adotado um modelo não estruturado focalizado, onde o entrevistador segue um roteiro de tópicos referente à temática, o que permite ao pesquisador sondar as razões e motivos,

obtido, assim, conhecimento. (LEITE, 2008).

As entrevistas seguiram as recomendações éticas para as pesquisas com humanos. Na ocasião, foi apresentado e solicitado aos entrevistados a autorização consentida mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

1.2.4 Forma de Análise

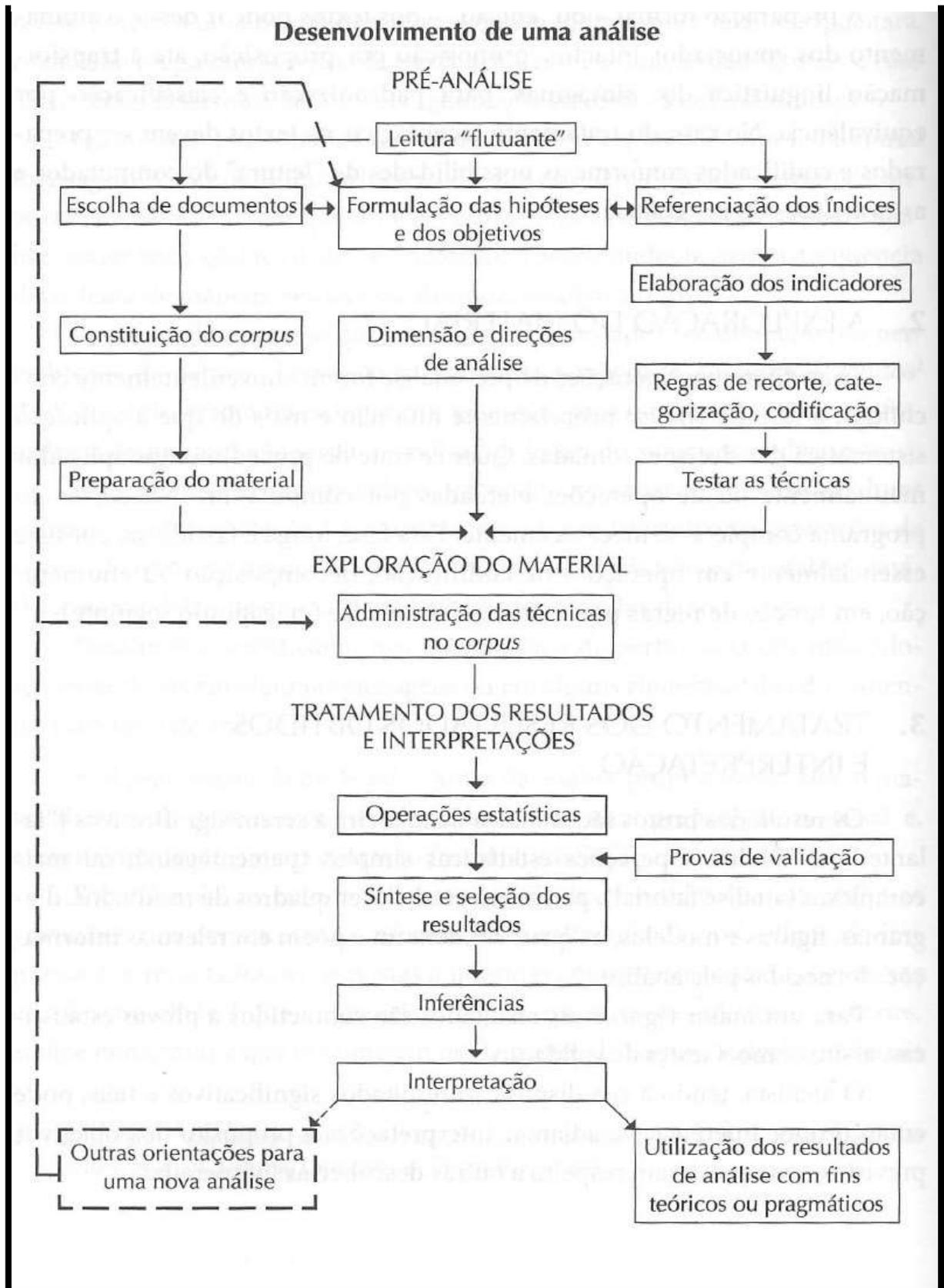
Por fim, para apreciação das entrevistas, a técnica adotada foi a Análise do Conteúdo—AC de Laurence Bardin (2011). O caráter híbrido dessa técnica se fez compatível com os objetivos desta pesquisa, no sentido que, durante o processo de descrição e interpretação permitiu inferências entre as razões por trás do enunciado e as suas consequências. Para uma melhor visualização, a Figura 2 demonstra o fluxo do desenvolvimento de uma análise.

Para uma melhor compreensão da técnica, a análise dos dados contou com os seguintes momentos ou polos de ordem cronológica: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 2011).

A pré-análise consiste na sistematização das ideias iniciais mediante os aportes teóricos adotados. Nesse momento, faz-se uma leitura do material a ser analisado e sua separação. Logo após, procede-se com organização desse material em referência aos objetivos estabelecidos. De maneira simplista, a pré-análise consiste basicamente na aplicação sistemática dos critérios estabelecidos para o desenrolar do trabalho.

Na segunda fase, tem-se a exploração do material, no qual as categorias iniciais são analisadas. Os trechos das entrevistas são separados e agrupadas dentro de cada categoria. Já a última fase, os dados brutos são tratados de maneira que possibilitem a extração das informações e validação.

Figura 2 - Desenvolvimento da Análise do Conteúdo



No presente trabalho, durante análise do material coletado, a classificação das categorias (Tabela 1) teve como referência os aportes teóricos sobre a paisagem natural e cultural, a percepção espacial dos cidadãos e o turismo.

Tabela 1 - Categorias da Análise

CATEGORIAS INICIAIS	CATEGORIAS INTERMEDIARIAS	CATEGORIAIS FINAIS
1. O estilo de vida e apego ao lugar	O lugar e o sentimento	O sentimento e o imaginário construído.
2. As mudanças na paisagem	A percepção do homem	A interpretação do indivíduo sobre o lugar
3. A valorização da paisagem, o turismo e o município	A paisagem natural e cultural	Os elementos da paisagem seus valores, usos e formas.

Fonte: A autora (2018).

Esses temas, segundo a técnica de Análise do Conteúdo-AC, correspondem dentro da presente pesquisa, às categorias iniciais. Elas surgiram a partir dos objetivos da pesquisa e conduziram a elaboração dos questionários e roteiro de entrevista.

Definidas as essas, os conceitos norteados foram traçados e levaram a formação da categoria intermediária. E por fim, a categoria final, que através do aparato fornecido nas entrevistas, revelou as categorias finais (Tabela 1).

2 CAPÍTULO I - TURISMO E ESPAÇO: CONCEITOS E QUESTÕES NORTEADORAS

2.1 O TURISMO E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA.

Diferente das outras ciências, o turismo ainda não estabeleceu uma teoria, mesmo que exista uma vasta produção científica. Os apontamentos de Moesch (2002) ressaltam que os saberes nessa ciência carecem de articulações, a fim de organizarem-se em prol da teoria do construto de uma teoria. É esse também o ponto de discussão levantado por Panosso Neto e Trigo (2009), que mencionam o papel das universidades, faculdades e disciplinas enquanto organizadoras das produções científicas.

Posto isso, falar sobre a epistemologia do turismo é adentrar num universo em construção, mas, ao mesmo tempo, representa a possibilidade desconstruir pensamentos hegemônicos existentes acerca do turismo e cooperar para a construção de novos saberes em turismo.

O turismo, como mencionam Moesch (2002), Panosso Netto e Trigo (2009), é um campo do saber marcado pela interdisciplinaridade² e multidisciplinaridade³, logo, estas características refletem o dilema que está posto quanto a teorização do turismo. Ela se manifesta em dois aspectos, a ser um de cunho negativo, dado o estabelecimento de limites da formação de uma teoria em turismo; e outro de aspecto positivo, considerando que traz múltiplas visões e olhares para além do caráter economicista.

Logo, mencionar a epistemologia do turismo é, antes de tudo, um trabalho minucioso que envolve cuidados teóricos e que demanda conhecimento complexo dessa prática social, de modo a alcançar as inúmeras subjetividades desse universo de estudo.

Uma epistemologia do Turismo envolve cuidados teóricos, advindos de um entendimento complexo sobre uma prática social que se dissemina de formas diferenciadas, a partir de subjetividades infinitamente diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as praticam, em territórios globalizados o que se possibilita por uma visão ecossistêmica e hologramática. (BENI; MOESCH, 2017, p. 10).

Dessa maneira, o primeiro consenso que é encontrado entre os autores são de que o turismo é uma ciência envolta num sistema multidisciplinar e interdisciplinar. Fato justificado pelos seus aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais que possibilitam a sua

² **Interdisciplinar:** Que implica relações entre várias disciplinas ou áreas de conhecimento. Que é comum a várias disciplinas. Disponível em < <https://www.priberam.pt/dlpo/interdisciplinar>>. Acesso em: 17 abr 2018.

³ **Multidisciplinar:** Que diz respeito simultaneamente a várias disciplinas. Sinônimo de pluridisciplinar. Disponível em < <https://www.priberam.pt/dlpo/interdisciplinar>>. Acesso em: 17 abr 2018.

os estudos são articulados. Como cada ciência enfatiza um determinado ponto, o resultado é a gama de posicionamentos acerca do turismo, que foi por Jafari, (1994 apud PANOSSO NETTO; TRIGO, 2009, p. 163 – 164) agrupado em cinco plataformas:

- 1ª. plataforma defensora – o bem – na qual os estudiosos e o mercado destacam apenas os pontos positivos do turismo;
- 2ª. plataforma de advertência – o mal – destaca os aspectos negativos do turismo, tanto sociais como econômicos, culturais e ambientais;
- 3ª. plataforma de adaptação – o como – destaca a importância de formas alternativas para o turismo, como o turismo verde, o turismo indígena, o turismo responsável, o turismo branco, e assim por diante;
- 4ª. plataforma baseada no conhecimento – o porquê – originária direta das três plataformas anteriores, encontra-se, principalmente, nos meios acadêmicos. Vê o turismo com necessidade de bases científicas e que mantenha laços com as demais. plataformas. Considera o turismo de forma holística e tem como objetivo criar um corpo teórico forte;
- 5ª. plataforma que advoga o turismo como fenômeno público – o público – considera que o turismo tornou-se importante e relevante nos meios acadêmicos, governamentais, nos meios de comunicação, na economia, no desenvolvimento sustentável e em uma grande gama de atividades humanas. É a plataforma baseada no processo de evolução do turismo.

Contudo, observando atentamente essa classificação e correlacionando-a com as produções no campo turístico, verifica-se que uma diversidade de autores inseridos em cada uma desses campos. Essas plataformas podem, com relação às bases construtivas, se fundamentar em duas grandes teorias a fenomenologia e o funcionalismo (MOESCH, 2002). Essa dupla classificação, na lógica de Moesch (2002) consegue atender a maioria dos estudos, pois, mesmo quando agrupados em outras escolas temáticas, as pesquisas se voltam para o turismo enquanto fenômeno social; e a outra por abordarem seus aspectos funcionais, ou seja, sua organização e funcionamento.

No entanto, Panosso Netto e Castilho (2014), mencionam os primeiros estudos do turismo em escolas temáticas, a saber: a positivista (cientificista), a sistêmica, a marxista, a fenomenológica, a hermenêutica e a teoria crítica. Desse modo, é passível o agrupamento dos estudos turísticos a partir dessas referências filosóficas (Quadro 1).

Quadro 1 - Escolas Filosóficas do Turismo

ESCOLA TEMÁTICA	RESUMO
Positivista	Analisa o turismo a partir da métrica clássica tomando por referência do processo de desenvolvimento dessa atividade. Apontam o avanço tecnológico como impulsor do turismo contemporâneo, destacam a sua relevância no avanço da sociedade, mas não o concordam na categorização do turismo enquanto ciência. A ênfase é correlacionada a expansão desse.
Sistemismo e Funcionalismo	Fundamentada na teoria dos sistemas, defendendo que a complexidade do turismo pode ser desmistificada através do estudo do turismo como um sistema maior composto de outros sistemas menores que interagem entre si e com o seu ambiente externo.

Marxismo	O turismo é visto como produto do capitalismo, sendo por ele impulsionado e se valendo da mais-valia. Também visto como uma atividade imperialista e colonialista que nasceu com o capitalismo. Os pesquisadores dessa corrente têm uma visão crítica quanto ao turismo.
Fenomenologia	Com concepção de que turismo pode ser analisado a partir da experiência, a fenomenologia passa a ser utilizada como método de investigação.
Hermenêutica	Com a pretensão de romper os pensamentos superficiais, ela parte de uma premissa de leitura, releitura e nova interpretação do conceito de turismo.
Teoria crítica	Busca a ruptura dos pensamentos hegemônicos acerca do turismo. Os pesquisadores desta base, procuram a formação de uma teoria do turismo mediante a realização de uma investigação crítica.

Fonte: Elaboração a partir de Moesch (2002) e Panosso Netto (2014).

No entanto, o objetivo aqui não é classificar em qual escola os estudos se inserem, mas apresentar ao leitor a base dos pensamentos que envolvem a definição do turismo e suas escolas filosóficas. Repensando seu processo evolutivo, o funcionalismo é visto nos estudos cuja análise tem por referência que o “tratamento dado ao turismo, nessa linha de análise, é o de que o uma unidade temática em que o produto turístico é visto como subsistema de um sistema matriz” (MOESCH, 2002, p. 20).

Logo, nessa linha de estudos, o turismo, tal qual se perpetua hoje, é uma consequência ou produto do capitalismo. Pois, apresenta um padrão de consumo próprio desta, no que a natureza, a cultura, os lugares e pessoas são produtos do seu espaço, logo, podem ser convertidos em produto de consumo. Tendo aqui o *homo turisticus*⁴, o sujeito executa o turismo (MOESCH, 2002).

A relação entre a sua formação e o capitalismo estaria na busca do homem por novas experiências, o interesse em explorar o mundo e por questões econômicas; e refere-se ainda principalmente, ao modo como ele se relaciona ao ócio do homem, que dentro capitalismo é representado pelo lazer, o afastamento de sua rotina e descanso. Logo, “para que a atividade turística aconteça, é necessário que o indivíduo tenha tempo livre”. Esse tempo livre dedicado ao lazer, permitiu a expansão do turismo. (BOITEUX; WERNER, 2009, p. 4).

Considerando o tempo de surgimento do capitalismo, que remete ao século XVIII, na visão de Coriolano (2014), de que o turismo é uma atividade recente e defini-lo como objeto de estudo implica numa análise do processo produtivo do capital, pois eles se correlacionam. Assim, para além do ócio, o turismo enquanto fenômeno sofre alterações do sistema econômico existente.

A sua expansão dá-se quando o homem passa a sentir prazer em descobrir novos espaço por meio de viagens, o que, por sua vez, ante a globalização ganha impulso por conta do desenvolvimento tecnológico dos meios de locomoção e comunicação. A influência, segundo Boiteux e Werner (2009), está relacionada ao encurtamento de distancias que os

⁴ *Homo turisticus* - O homem turista ou homem viajante

meios de comunicação, os meios de transportes e a circulação de moeda introduziram.

Esse novo padrão que surge pós-industrialização, sofreu modificações e continua se modificando. Esse padrão segue a lógica do Capital, que vem “produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes e dos turistas”, conforme aponta Coriolano (2014, p. 47). Nesse aspecto, corrobora Pereiro (2009, p. 31) ao afirmar que:

O turismo converte-se num bem económico ligado à indústria de serviços, controlada pelo “tour operadores”. O crescimento económico, a modernização dos meios de transporte, a urbanização, o pagamento das férias e a relativa estabilidade político-social dos países emissores e receptores serão alguns factores estruturais e causais do empurrão turístico.

Sendo, pois, um produto do capitalismo, assim como as demais mercadorias que são ofertadas dentro desse modelo de produção, ele é modificado para atender aos interesses de consumo da sociedade. A defesa de que o turismo é um gerador de ganhos econômicos norteia o discurso de que ele é uma alternativa de desenvolvimento econômico, pois seu avanço implica num aumento da demanda dos produtos turísticos e impulsiona a economia local e global (MOESCH, 2002).

No entanto, esse pensamento acaba gerando um reducionismo dentro do seu processo de planejamento, o que se vê refletido nas propostas, cujo o enfoque se volta ao dados e gráficos, deixando aberto os demais aspectos, que Moesch (2002) chama de análise do fenômeno aparente. Por conta da forte relação econômica que esse gera, a interdisciplinaridade é desconsiderada, principalmente quando esses aspectos dizem respeito à sua relação intercultural, assim, são facialmente impostas interferências sociais, onde os contatos geram separações e rotulações tais como, diferenças de identidades (MOESCH, 2002).

Dentro do cenário brasileiro, o turismo se fundou e expandiu de modo acelerado, desigual e combinada dos territórios capitalistas. De modo que sua principal característica é conversão de espaços em lugares de lazer, no qual a população local e o lugar se convertem em produtos. Assim, os territórios recebem novos significados e ressignificações, pois o turismo, age desterritorializando/reterritorializando e produzindo novas configurações (CORIOLANO, 2014).

Assim, mesmo com a força tendenciosa de conduzir os estudos do turismo pelos aspectos econômicos, há nesse universo evidências que apontam ao impacto social. Como mencionado acima, ele altera dinâmicas sociais dentro do espaço ao qual se insere. De maneira que a colocação do turismo dentro da fenomenologia, pode ser percebida nos estudos que visam compreender o dualismo sujeito-objeto, logo, vem a ser ele o captador da essência geral do conhecimento. Nessa linha seguem aqueles que buscam a compreensão do turismo enquanto fenômeno social e não apenas como atividade econômica. “O turismo é processo humano,

ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico. Como singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores, colocados como bens culturais”. (MOESCH, 2002, p. 15).

Pois, o estudo social do turismo tem como “objeto as relações sociais que se articulam em torno das interações sociais fundamentais, que são as que ocorrem entre os turistas e a comunidade receptora”. (DIAS, 2003, p. 19). Nesse universo de estudo, Dias (2003) afirma a divisão de quatro áreas: o turista; a relação entre turistas e a comunidade local; a estrutura e o funcionamento do sistema turístico; as consequências do turismo.

Logo, remetendo ao pensamento Pérez (2009, p. 10), que traz uma visão antropológica, coloca o turismo como sendo um fato social, “o turismo é uma forma de contacto intercultural do tipo “aculturação”. A aculturação é um mecanismo de mudança que consiste no contacto entre duas ou mais culturas”. O que justifica a diversidade de segmentos no turismo, pois, quando comparados, eles são e/ou estão sendo ramificados para atender as mudanças de comportamentos dos indivíduos.

Destarte, quando Moesch (2002, p. 9) define o turismo, ela faz menção a relação dele com a cultura:

Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Fatos que passam a ser vislumbrados quando se realizam estudos com grupos distintos de turistas, no qual a sua origem; faixa etária; cultura; educação e outros influenciam no seu comportamento de escolha dos destinos.

Diante disso, considerando os elementos apontados como condutores da produção científica em turismo, tornam-se evidentes três aspectos importantes na construção do conhecimento em turismo, a saber: o seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar; a existência de estudos ainda desarticuladas no sentido de fundar uma teoria em turismo e significância de estudos voltados a formulação de um pensamento crítico.

2.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO E O SISTEMA DE TURISMO

A busca pela compreensão do fenômeno turístico vem influenciando e impulsionando pesquisadores em seus estudos mais recentes e, de certa forma, destacando-o como objeto de estudo de várias ciências, tais como a sociologia, a antropologia, a geografia, a história e a economia dentre outras. Filósofos estão buscando criar uma epistemologia para o turismo, no

entanto, dado o seu caráter diversificado, os estudos revelam que a compreensão desse requer um estudo interdisciplinar dado sua gama de inter-relações sociais, políticas e econômicas (AZEVEDO FILHO, 2013). Logo, pensá-lo como agente modificador do espaço implica em entender que:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico. (MOESCH, 2002, p. 09)

Assim, dado o caráter interdisciplinar o olhar sobre a forma como ele se manifesta e reproduz dentro do espaço não pode ser focalizado, mas sim integrador. Entendendo por integrador a presença de considerações interdisciplinares para compreensão da sua dinâmica. Nesse sentido, deve-se atentar à relação entre a forma e a essência do turismo no espaço ao qual se manifesta.

A forma, tal qual descreve Carlos (2008), é aquilo que está aparente, ou seja, é manifestação do fenômeno e possibilita a constatação de sua existência, ao mesmo tempo, em que revela as representações sociais dentro desse espaço. Já, a essência, condiz com a relação existente entre o indivíduo e o espaço.

Logo, o espaço é uma representação das manifestações sociais, onde os interesses do capital, da sociedade e do Estado se fundem e articulam a produção e reprodução deste. Carlos (2008, p. 24) destaca que o espaço, “ em última estância, é uma relação social que se materializa formalmente algo passivo de ser apreendido, entendido e aprofundado”. O que revela o seu caráter material histórico, ou seja, ele é um produto do seu tempo, onde a “sociedade é capaz de criar em cada momento o seu processo de desenvolvimento”. (CARLOS, 2008, p. 28).

Trabalhar o turismo em sua totalidade dentro do espaço é compreender que ele é um produto do seu tempo, logo, deve ser avaliado em seu espaço e tempo. (YAZIGI, 2001). Assim, considerando que o espaço é:

[...] em função do processo de trabalho que produz e reproduz a partir da relação do homem com a natureza. Assim, o espaço se cria a partir da natureza que é totalmente transformadora no curso das gerações. Da natureza brindada ao homem, a terra se transforma em produto na medida em que o trabalho a transforma substancialmente em algo diferente. (CARLOS, 2008, p. 50).

Pensando sobre a natureza das relações de que estamos tratando, assim como, do fato desta ser uma atividade geradora de riqueza e construto dos sujeitos sociais responsáveis por

sua promoção e organização. É pertinente o reconhecimento das convergências (temporais, espaciais, de interesses, etc.) e contradições que são próprias do processo de produção do espaço (CRUZ, 2006).

Tomando por premissa o fato de que o atual modelo de produção vigente é o capitalismo e que este é por natureza excludente e as referências que se tem é de que a produção do espaço pelo turismo é um reflexo e acumulador de renda. É na concepção de Cruz (2006, p. 339) pertinente “colocar em discussão as reais possibilidades do turismo efetivamente contribuir para reverter o quadro de profundas injustiças sociais, histórica e socialmente construído”.

Sabendo que o turismo, enquanto atividade econômica, é um grande consumidor do meio ao qual se insere. E que, durante todo tempo está modificando o espaço e atribuindo novas significações e uso aqueles elementos que ali se encontram. Não há, diante das diferentes nomenclaturas do turismo, como pensar essa atividade de modo isolado, pois, a sua interação com a estética, a ecologia, a economia e o aspecto social é uma constante.

A respeito disso, Coriolano (2014) corrobora ao afirmar que não há como separar o turismo do meio ambiente, e quando se fala em meio ambiente não se trata apenas do meio natural, mas sim, de todos os seus elementos, tais como o social, espacial e econômico. Assim, pensar o turismo e o meio ambiente é compreender que esses representam conceitos “interdisciplinares e transdisciplinares que ajudam a entender a realidade do mundo contemporâneo, pois, são abstrações e realidades que emergem de uma construção social e manifestam os limites da racionalidade econômica e mercantilização da natureza” (CORIOLANO, 2014, p. 42).

A produção deste, enquanto modalidade de acumulação de capital, que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes, e dos turistas (CORIOLANO, 2006). Daí o desafio de implantação dessa atividade em determinados espaços, pois, ele se difere conforme a percepção dos envolvidos.

Esse fato também é apontado por Ruschmann (1997) quando afirma que a extrema valorização econômica acarreta certo negligenciamento dos estudos e dos aspectos naturais, cultural e psicossociais das comunidades receptoras. Logo, acaba por minar as chances do turismo quanto uma possibilidade de desenvolvimento e preservação dos ambientes, onde, tem-se a descaracterização dos espaços e a perda de sua originalidade que são os seus atrativos e a segregação de sua população nativa.

Assim, se revela a necessidade de um planejamento do turismo ou para o turismo

real, ou seja, de um planejamento que resulte de uma articulação endógena e não de um processo exógeno. Sabendo que o turismo é resultado da junção de elementos sociais, econômicos, políticos e ambientais, pensá-lo enquanto sistema é uma forma de amenizar sua complexidade.

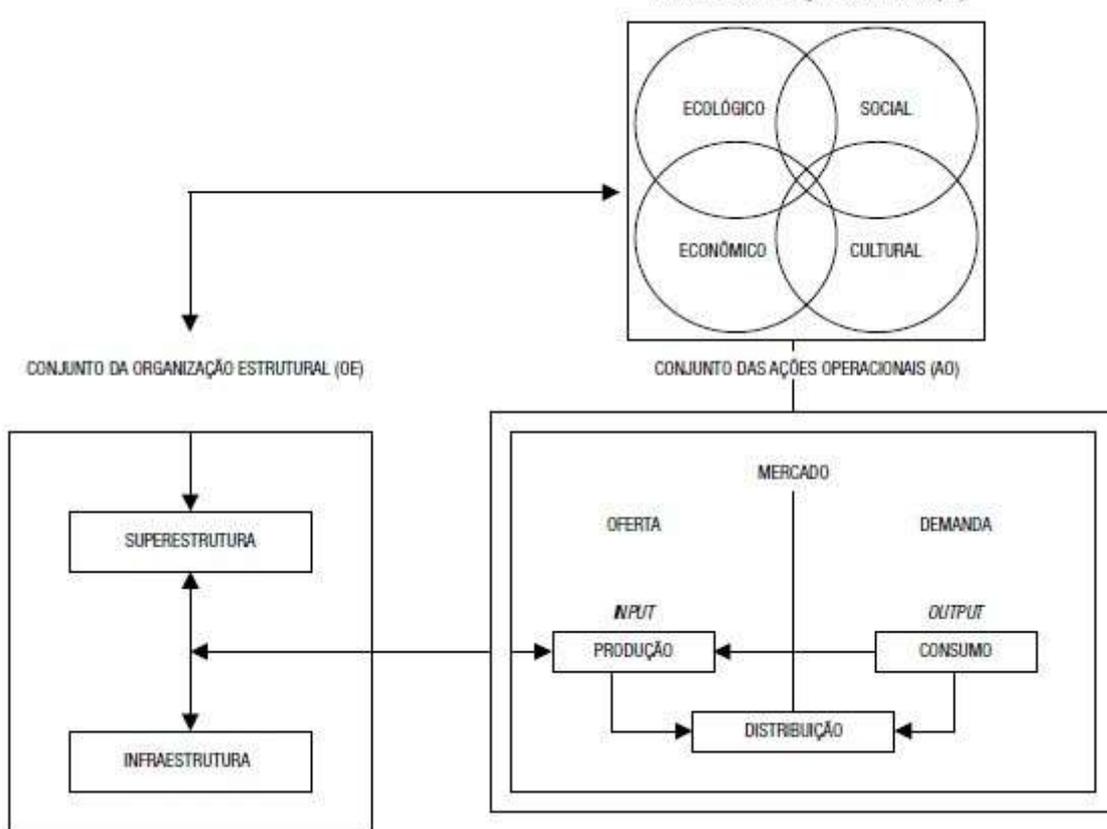
Aqueles que seguem por esse caminho encontram aspectos que permitem entender fatores relacionados ao meio ambiente, tais como a complexa relação do turismo com a cultura local e sua influência sobre determinado espaço em seus aspectos negativos e positivos. Esse pensamento tem conduzido os estudos daqueles que como Beni (1998) trabalham o turismo como um sistema, logo, seus estudos se fundamentam na análise dele como um todo. Logo, a definição do sistema turístico por Beni (1998, p. 23) é:

[...] um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas ideias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo.

Pensar as trocas e interdependência existentes nesse contexto, permite apreensão sobre a sua dimensão para além de questões econômicas. A necessidade e relevância desse estudo, do ponto de vista de Silva (2008, p. 23), “faz-se necessário no sentido de minimizar os impactos negativos e potencializar os positivos resultantes desta atividade”.

Ao observar a demonstração dele enquanto sistema, percebe-se que nele têm-se subsistemas que interagem entre si, destacando assim a dinamicidade desse. Considerando, a partir do modelo proposto a existência de três conjuntos, a saber: o ambiental, o estrutural e o operacional. O conjunto das relações ambientais se refere aos aspectos ecológicos, social, econômico e cultural do espaço. Que se ligam diretamente ao conjunto da organização estrutural, que determinará os meios de produção e a força de trabalho (infraestrutura) e as instituições envolvidas na sua articulação, conforme Figura 4.

Figura 4 - Sistema Turístico - SISTUR



Fonte: Beni (1990).

E se tem ainda o conjunto operacional, que incorpora os atributos da oferta e demanda do turismo. Ao visualizar o desenho do SISTUR (Figura 4) é possível compreender a afirmação de Beni (1990, p. 16) de que “o turismo é uma atividade que resulta do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos e, assim, o campo de seu estudo é abrangente, complexo e multicausal”. Essa sistematização, que teve por referência a teoria dos Sistemas⁵.

Nesse sentido, Boullón (1997) menciona que a existência é de apenas um sistema turístico, sendo ele composto por outros subsistemas, que correspondem ao ponto de agrupamento de estudos nessa área. Ainda nesse pensamento, os apontamentos dados por

⁵ Teoria desenvolvida pelo biólogo alemão Ludwig von Bertalanffy que desenvolveu os seus estudos em Biologia, interessando-se pelo desenvolvimento dos organismos. Na sua teoria geral dos sistemas a ênfase é dada à inter-relação e interdependência entre os componentes que compõem o sistema, no que esse é visto como uma totalidade, de modo que seria impossível estudar seus elementos isoladamente. Teoria desenvolvida pelo biólogo alemão Ludwig von Bertalanffy que desenvolveu os seus estudos em Biologia, interessando-se pelo desenvolvimento dos organismos. Na sua teoria geral dos sistemas a ênfase é dada à inter-relação e interdependência entre os componentes que compõem o sistema, no que esse é visto como uma totalidade, de modo que seria impossível estudar seus elementos isoladamente

Boullón (1997, p. 31) é de que esses são divididos, em termos de abordagens, nas seguintes facetas:

- a) Modelo oferta-demanda, cujo interesse consiste no turismo comercial, ou seja, nele enquanto atividade comercial e estrutura organizacional;
- b) Modelo antropológico social, marcado pelas pesquisas relacionadas as manifestações do lazer e tempo, comportamental e social;
- c) É o modelo industrial, envolto numa abordagem da produção em massa do turismo, na geração de renda e lucro, ou seja, nele enquanto produto do capitalismo.

Contudo, independente do viés dado à pesquisa, os estudos são conduzidos dentro de um dos quatro grupos desse sistema, quando se observa o modelo estrutural de Beni, se confere a existência de uma superestrutura, uma infraestrutura, a oferta turística e a demanda turística.

Todavia, o objetivo aqui não é trabalhar o turismo propriamente dito, mas trazer aspectos percebidos que dentro dele são justificados, assim, mediante a prévia noção da estrutura turística e de sua relação com a produção do espaço, se pode entender as diferentes formas e modos de apropriação e consumo dos espaços pelo turismo.

2.3 O TURISMO E A PAISAGEM: RELAÇÕES E CONTRADIÇÕES

Estabelecer a relação do turismo com o espaço geográfico é um exercício de reflexão sobre o próprio sentido de paisagem, uma vez que é por meio dela que a atividade turística se reproduz e manifesta. O espaço geográfico, como mencionado por Cruz (2006), é principal objeto de consumo do turismo, logo, pensa-lo através da paisagem é um dos caminhos para se chegar a essência desse fenômeno social. Mas por que a paisagem?

A paisagem enquanto categoria de análise possibilita ao pesquisador conhecer os aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientes de determinado lugar. A medida em que o homem evolui sua relação com a paisagem também permuta. E, mediante essa mudança novos valores e usos lhe são incorporados, como é o caso da expansão do turismo para lugares outrora rejeitados. Nesse sentido, buscar uma compreensão a essa mudança é adentrar na própria subjetividade do homem.

O turismo, por sua vez, é o maior consumidor da paisagem. A qualificação de um lugar enquanto atrativo turístico é resultante da percepção que os indivíduos sobre os elementos da paisagem (natural e cultural) de um determinado espaço. Essa valorização, no entanto, se fortalece principalmente pelo valor atribuído pelo visitante (turista). Mas, se intensifica, quando o receptor reconhece nessa atividade uma oportunidade, geralmente, de renda (BOULLON, 1997; CRUZ, 2006).

Destarte, não há como afastar as relações que são estabelecidas entre o cotidiano e o turismo, pois a medida em que o turismo é promovido, conseqüentemente, a dinâmica do lugar segue sendo modificada. Essa mudança perpassa a percepção do homem sobre a paisagem, o que por sua vez, implica em novas interpretações ou reinvenções do sentido. “Não se trata de discussão gratuita. Imaginar e imprimir diretrizes de uso e ocupação do solo; código de obras ou práticas do planejamento como processo, especialmente para lugares turísticos, pressupõe resolver o sentido a ser dado a paisagem” (YAZIGI, 1999, p. 256).

A paisagem, como menciona Tuan (2013), é um constante contraditório, pois, os olhares e sentidos que lhe são postos remetem a objetividades e subjetividades individuais e/ou coletivas. Enquanto parte de um grupo social, o homem segue a lógica da maioria, o que, implica numa referência cultural e simbólica que compõe a realidade do grupo. Já enquanto parte isolada, ele tende a seguir seus sentidos e experiências particulares.

No caso da paisagem, essas distinções englobam os usos e valores que são atribuídos aos elementos que compõe a paisagem local. Essa visão local sobre o espaço ganha sentido quando observada a valoração que é atribuída ao meio ambiente, a cultura e estilo de vida. Ela revela as ilusões do indivíduo e/ou grupo sobre a real dimensão do seu espaço gerando o sentimento de superioridade e centralidade, mas de certa maneira, essa miragem contribui e é necessária a manutenção da cultura local (TUAN, 2012).

Nesse sentido quando se observa o avanço do turismo para os mais diversos lugares é ao mesmo tempo, um exercício de releitura do sentido da paisagem. Para se converter em destino turístico, os espaços precisam de atrativos capazes de agregar valor ao lugar. Essa valoração se relaciona e contradiz com a paisagem cultural e natural do destino. Para Dias (2003, p. 137), " a preensão do turista provoca mudanças nos valores sociais assumidos pelas comunidades receptoras, alterando de modo geral comportamentos normalmente aceitos, e ocorrendo choques com os códigos morais locais".

Dessa maneira, quando se pensa a paisagem em seus aspectos naturais e culturais que englobam a natureza do espaço. O avanço do turismo por determinados espaços, acaba por consumir-la em totalidade e não apenas um item isolado da paisagem. Foi assim durante os primeiros movimentos em massa, ainda que se falassem apenas, ou melhor, que enfatizassem o fluxo por elementos naturais da paisagem, de alguma forma, as interações com os aspectos culturais da paisagem sempre se deram.

Todavia, esse não é um fenômeno que ficou no passado, mas sim, é parte do próprio turismo. E isso independe do seu segmento, ou seja, até nas práticas menos invasivas, como o

ecoturismo, etnoturismo, turismo ecológico e outros, a paisagem é consumida como toda. Logo, passa por permutações, principalmente relacionadas a sua atratividade.

A própria definição de atrativo turístico exerce essa influência, quando Dias (2003, p. 215) o atrativo turístico é “elemento motivador que gera o fluxo turístico até determinada localidade. Pode-se afirmar que não há limites na adoção de atrativos turísticos. Podem ser naturais, culturais, acontecimentos programados, festas tradicionais, museus etc”. Assim sendo, a paisagem dentro da atividade turística possui relação intrínseca com a motivação dos indivíduos quanto a escolha dos destinos de visitação, logo, a dinâmica que se estabelece entre o turismo e a paisagem   de interdependência.

3 CAPÍTULO II - A PAISAGEM: OBJETIVIDADES E SUBJETIVIDADES DA PERCEPÇÃO

3.1 A PERCEPÇÃO DO HOMEM: PAISAGEM E LUGAR

As subjetividades do homem podem ser estudadas de diferentes formas, sendo uma delas mediante a compreensão de sua percepção. Nesse sentido a paisagem tem sido usada como categoria de análise para interpretação das percepções do indivíduo. A própria dimensão da paisagem possibilita essa análise quanto ao sentido dado pelo homem ao seu espaço, como aponta Santos (1988, p. 22):

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto, um artista veem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta. Isso é válido, também, para profissionais com diferente formação e para o homem comum.

O homem percebe o seu espaço através dos seus diferentes sentidos (olfato, paladar, tato, audição, também por elementos de sua história, cultura e papel no contexto social. Tuan (2012) afirma que a percepção é extensão sensorial, e põe em atividade nosso sentido tátil, olfativo, auditivo e visual, mas diariamente apenas parte desses é usado. O grau de sentido dado por cada um deles está correlacionado a cultura do indivíduo.

Logo, a percepção de que o homem obtém o do seu espaço é resultado da atuação dos seus sentidos. Mesmo que todos eles sirvam como formadores da percepção a visão é o de maior influência. Nesse ponto entra a questão comportamental, pois, as compreensões do indivíduo são refletidas nas manifestações que dele sobre a paisagem.

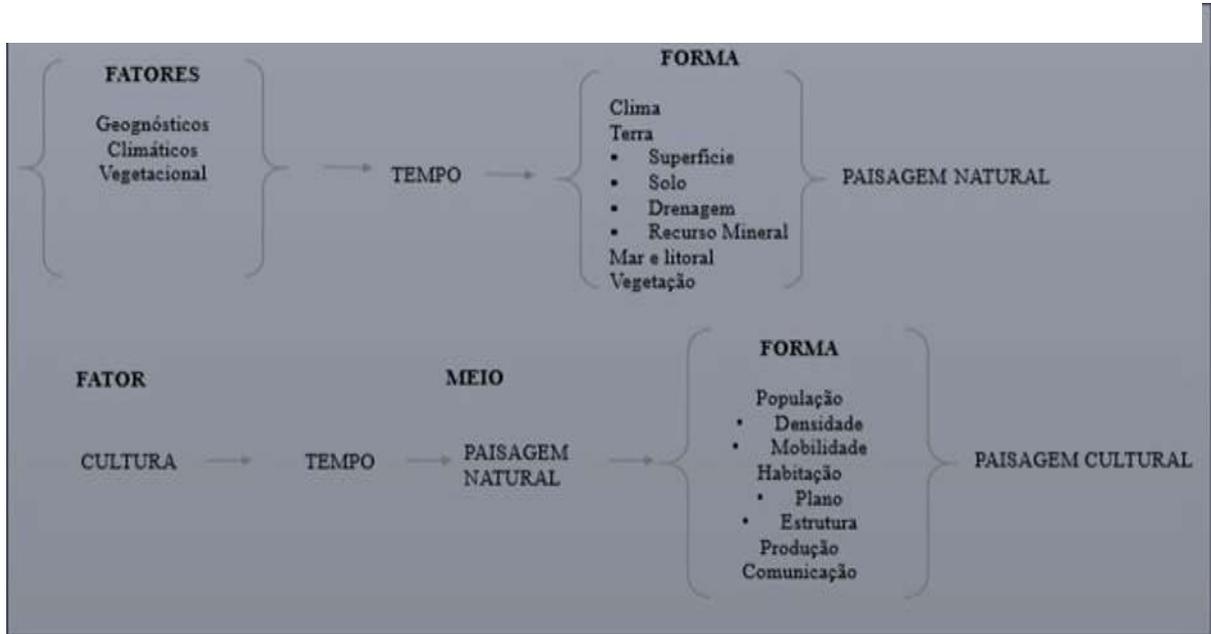
Tendo, pelo menos duas categoriais de paisagem, Teles (2009, p. 23) trabalha a partir das seguintes definições "paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos. A paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais".

E, seguindo esse pensamento, fundamentam-se os estudos geográficos sobre a paisagem tanto da geografia física quanto da humana. Já para Santos (1988, p. 36), a paisagem é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Assim, a paisagem é mutável e espaço de relações humanas.

A paisagem é, conforme Rosendehal (1998, p. 23) “uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. Essa representação pode

ser visualizada na Figura 5.

Figura 5 - Descrição da Paisagem



Fonte: Elaboração própria a partir de Corrêa e Ronsendahl (1998).

Desse modo, recorrendo ao pensamento de Yagizi (2001) de que a paisagem é uma multiplicidade de formas e tempos. Então, pensar a paisagem implica em entender que ela pode ter diferentes interpretações e valores, pois, a percepção do homem reflete aquilo que ele enxerga. Corroborando Santos (1988, p. 23), acerca desse heterogêneo da paisagem, no seguinte:

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial". (SANTOS, 1988, p. 23)

Desse modo, uma das formas de conhecer e pensar percepção engloba entender a alma do lugar, o que pode ser feito mediante a análise de seus elementos que o caracterizam, isso considerando os seus aspectos materiais e não materiais, de modo que esses são representações da identidade do lugar (YAZIGI, 2001). Essa identificação com o lugar é simultaneamente externa e interna, no entanto, essa identificação se difere de indivíduo para indivíduo.

Sobre essa mudança de identificação quanto à paisagem, Tuan (2013) descreve como sendo resultante da experiência, ao passo de que a experiência é uma mescla de concepção,

percepção e sensação envoltas no processo emotivo e no pensamento. Assim, “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 2013, p. 18).

No pensamento de Tuan (2012), o visitante e o nativo percebem o meio ambiente de formas distintas. Os visitantes tendem a ver o meio ambiente por lentes, pois, para eles o valor desses espaços se reduz ao seu campo de visão. Já os residentes percebem esses espaços em sua amplitude, lhe atribuem valores pessoais e coletivos que refletem a sua identificação com aqueles espaços. “As paisagens servem como pano de fundo para as atividades humanas diárias[...]” (TUAN, 2012, p. 198).

Os valores ambientais do homem podem ser percebidos pela sua interação com o meio ambiente, o modo como eles utilizam esse meio para ganhos econômicos, no seu comportamento e estilo de vida. (TUAN, 2012). Desse modo, se tem a evidência da relevância dos estudos da percepção do homem.

3.2 O LUGAR DO HOMEM E A TOPOFILIA

O espaço possui diferentes representatividades na vida do homem, sendo por ele modificado para atender suas relações sociais e interesses mais diversos. Um dos caminhos para compreensão dessas diferenças consiste na sua análise a partir do sentido dado ao homem para o seu lugar. Mais o que seria o “lugar”? Como entendê-lo?

O lugar, numa contextualização contemporânea de Carlos (2007, p. 17), “é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante — Identidade — lugar”. Nessa linha de pensamento o entendimento de que o lugar ultrapassa a questão de espacialidade. O que na geografia humanística, é marcada pelos estudos de Yi Fu Tuan, se materializada numa subjetividade do indivíduo de tal forma que se correlaciona ao sentimento, ao existir, ao platônico e a interpretação. Nesse sentido, pensar o lugar é olhar sua natureza a partir da percepção do homem.

Essa percepção que conduz a interpretação do lugar ocorre, como afirma Carlos (2007), mediante a materialização do convívio do homem sobre determinado espaço, sendo também correlata a corporeidade. Onde a tríade cidadão-identidade-lugar corresponde àquilo que o corpo presencia. Dessa forma, “lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso”. (CARLOS, 2017, p. 18).

Nogueira (2013, p. 84) corrobora com esse pensamento ao afirmar que “o lugar é um mundo de significados organizados, adquiridos pela experiência humana, e se mostra a partir

do que eu experiencio e que é experienciado pelo outro, experienciar no sentido de viver”. Sendo marcado pelo vivido, o lugar representa a história do homem. No entanto, a história do homem é também reflexo da história do lugar.

Para Azevedo Filho (2013) define o lugar como mundo em escala, mundo em dimensão. Marcado pelo vivido, ponto de manifestação de fenômenos, espaço da cultura e sentimentos do homem. Nele o sentido se dá pelo que é vivido, o que é vivido torna-se particular ao lugar e remete a singular.

A singularidade do lugar em termos históricos, parte da história do mundo revelando assim, o seu caráter global. Santos (2001, p. 21) afirma que, “história que se passa, neste exato instante, em um lugarejo qualquer, não se restringe aos limites desse lugarejo, ela vai muito além. A história da produção de um fato desencadeia um processo bem mais abrangente, que insere o fenômeno em contextos cada vez mais amplos”.

Todavia, conforme Santos (2001), nenhum espaço poderá ter como parte todos os elementos do global, mas seus acontecimentos em um dos seus aspectos possuem correlação. Então, pensar o modo de produção e reprodução de um determinado lugar implica numa breve leitura dos eventos externos a ele. Assim, quando se observa a lógica que engloba a globalização, ela conduz ao pensamento de que as distâncias estão sendo minimizadas e de que haverá uma homogeneidade das comunidades, na verdade, aumenta as desigualdades.

Nesse contexto, "a velocidade das informações que são oferecidas à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro servem como motor da vida econômica e social". (SANTOS, 2001, p. 38). A perversidade da globalização encontra na informação e no dinheiro a materialidade. Ela separa os indivíduos, principalmente pela perda do sentimento de coletividade e do senso de público. Essas ideias apontam para a processo “esquizofrênico” que é próprio da vivência do lugar, no que, ao mesmo tempo, em que cria condição para produção, cria também condições de resistência a essa. São singulares e, concomitantemente, globais, nele têm-se manifestações da totalidade — mundo, no que se são formas peculiares (SANTOS,2001).

As resistências remetem à questão da habitante-identidade-lugar e caracteriza os laços afetivos, o sentimento que tem o indivíduo com o meio ambiente. Ainda, que o padrão homogeneizador da capitalização tente impor uma cultura global, o que acaba por promover uma nova ressignificação da natureza o espaço habitado de hoje em quase nada relembra o de outrora, tornando difícil sua comparação qualitativa ou estrutural.

No entanto, essa nova configuração que vem sendo posta, limita o tempo do homem

e o põe longe do seu meio natural, despertando sentimentos saudosos. Tuan (2012, p.144) destaca que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo”. Para entender o valor dado pelo homem ao lugar, é comum o uso da fenomenologia, pois, os laços afetivos são próprios da familiaridade.

Todavia, ainda que a topofilia corresponda ao afeição do indivíduo com o seu lugar, ela se manifesta de formas distintas em cada pessoa. Logo, ele passa a ser parte da identidade do indivíduo trazendo elementos de seu inter-relacionamos com à terra e seus seres. Assim, é parte do mundo, porém, com uma bagagem de significados existenciais e simbólicos (NOGUEIRA, 2013).

Os símbolos, para Tuan (2012), tratam de um conjunto de significados que vão emergindo conforme o tempo e a vivência. Essas experiências, quando tratam de aspectos naturais, possuem certa semelhança na interpretação dos indivíduos de culturas distintas, mas quando condizem com fenômenos singulares das particularidades do lugar, variam conforme o indivíduo e cultura.

Tendo essa breve explanação, nota-se que a relação entre o lugar e o sentimento topofolico é algo complexo e fascinante dada a variedade de dimensões que podem ser objetos de análise. Fatores como a globalização, ainda que exerçam forte influência sobre a comunidade global não consegue expandir-se ao ponto de homogeneizar e impor uma cultura global.

Valores e sentimentos que são experimentados nas comunidades locais criam laços afetivos que se contrapõem ao padrão de produção e reprodução atual, geram sentimentos controversos que são partilhados em sentidos coletivos, principalmente, quando dizem respeito a tríade habitante-identidade-lugar.

4 CAPÍTULO III - CAMINHOS DO UIRAMUTÃ – CONTEXTUALIZANDO O LOCUS DE PESQUISA

4.1 ASPECTOS FÍSICOS E ESPACIAIS DO UIRAMUTÃ: LIMITES E POTENCIALIDADES

O município do Uiramutã fica localizado na região nordeste do estado de Roraima, na tríplice fronteira do Brasil com a República Cooperativa da Guyana, ao sul, e com a República da Venezuela ao oeste. A extensão territorial do município é marcada pela presença de rios, cachoeiras e serras que caracterizam as paisagens da região nordeste do estado. A ausência de matas densas e com uma vegetação marcada por savanas e ilhas de mata, proporcionam singularidade ao município.

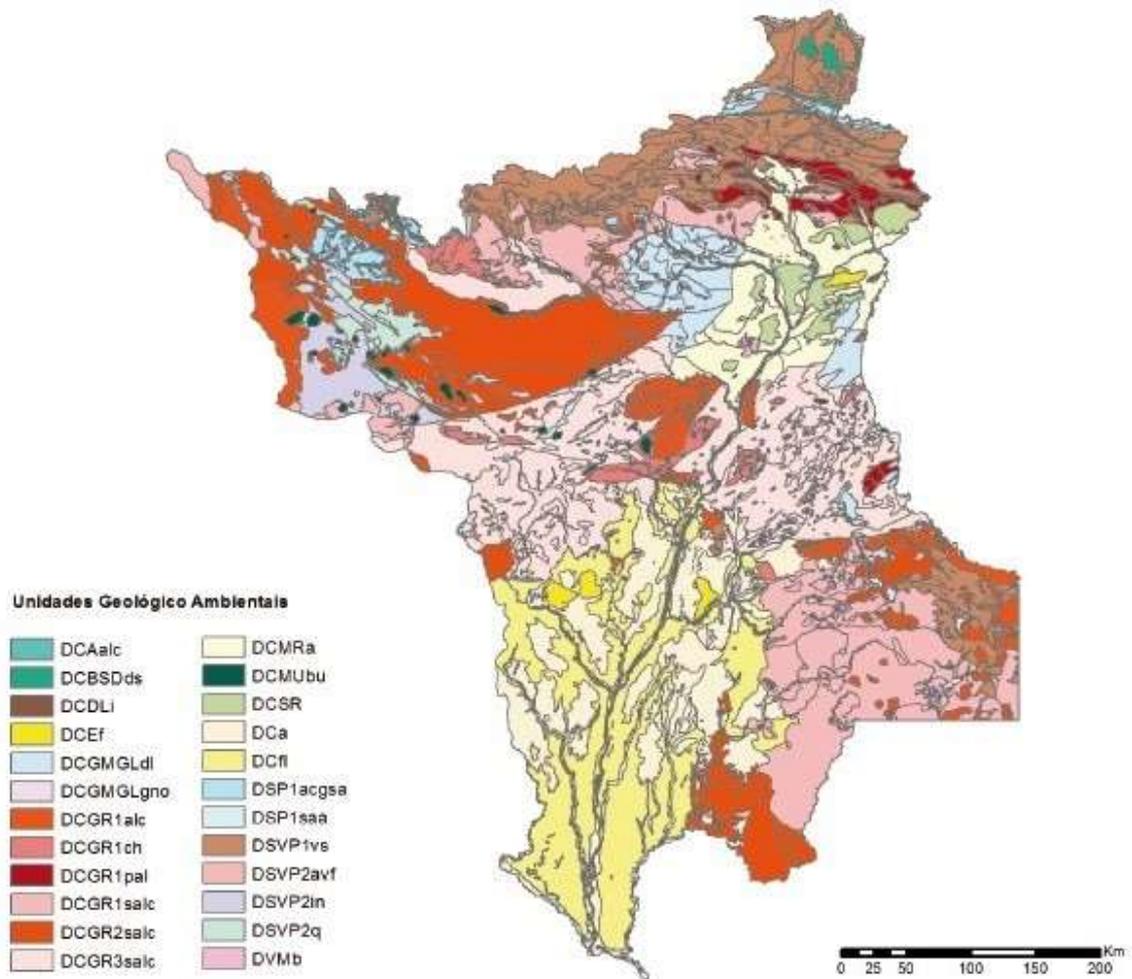
De acordo com análise da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais-CPRM (2014), o município está inserido numa região de Domínio das sequências vulcânicas ou vulcanosse-dimentares proterozoicas, não ou pouco dobradas e metamorfizadas. E também, no Domínio dos corpos básicos sob a forma de soleiras e diques de idades variadas, não metamorfizados.

O Domínio de Sequências Vulcânicas é responsável pelas: Vertentes Recobertas por Depósitos de Encosta; Baixos Platôs; Planaltos; Chapadas e Platôs; Inselbergs e Outros Relevos Residuais; Domínio de Colinas Dissecadas e de Morros Baixos; Domínio de Morros e de Serras Baixas; Domínio Montanhoso; Escarpas Serranas; Degraus Estruturais e Rebordos Erosivos. Essas características se revelam na paisagem através das falhas do solo.

Sobre as potencialidades desses espaços, a CPRM (2014), destaca que são áreas propícias à mineralização do ouro e diamante, porém impróprias para a agricultura. Também são favoráveis ao geoturismo dada sua geodiversidade (Mapa 1).

Com relação ao domínio dos corpos básicos, ele traz a paisagem elementos de: Vertentes Recobertas por Depósitos de Encosta Baixos Platôs; Planaltos; Chapadas e Platôs; Domínio de Colinas Dissecadas e de Morros Baixos; Domínio de Morros e de Serras Baixas; Domínio Montanhoso; Escarpas Serranas. (CPRM, 2014).

Mapa 1 - Mapa da Geodiversidade de Roraima



Fonte: CPRM (2014).

Sobre o sistema de engenharia, a BR-174, principal rodovia que liga o município a capital do estado não é asfaltada no trecho que se inicia na vila do Surumu até a sede do Uiramutã, e isso afeta a locomoção tanto em períodos de estiagem quanto em períodos chuvosos. No ano de 2017, as chuvas de junho a agosto ocasionaram cheias e enchentes que devastaram estradas e comunidades, a situação foi tão crítica que o Uiramutã decretou situação de emergência (Figura 6).

Figura 6 - Cheia de 2017 no Uiramutã- Via principal



Fonte: G1-Roraima (2017)

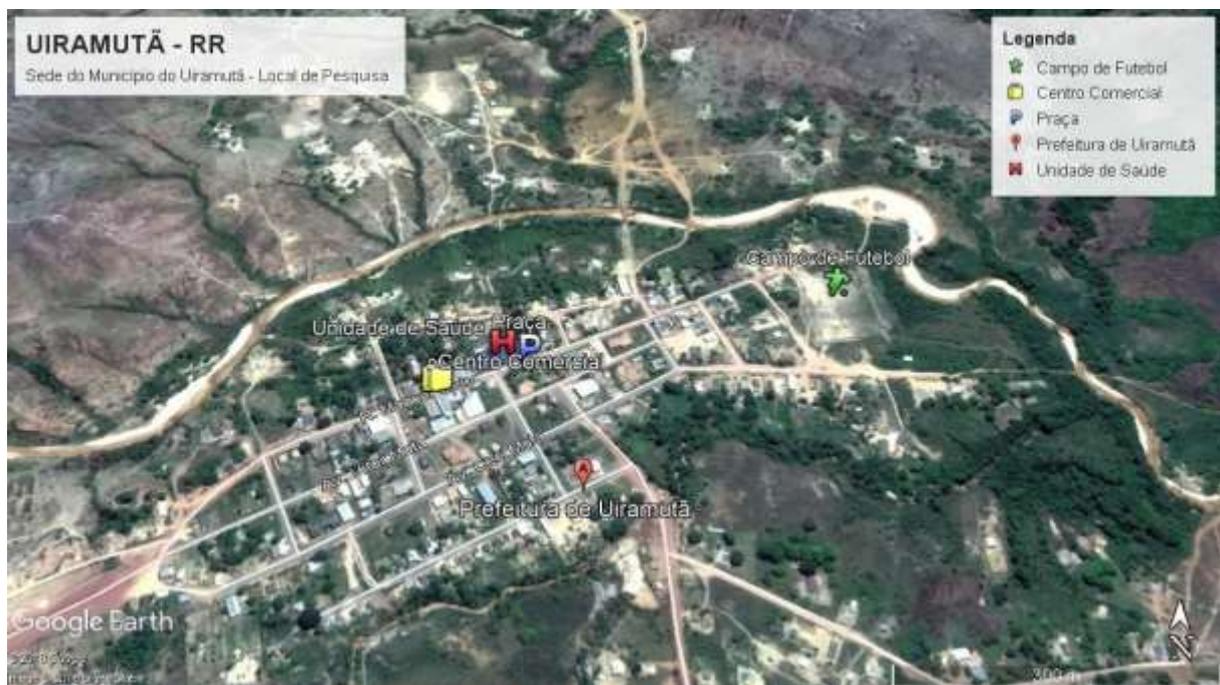
Como visto na figura 6, o acesso ao município que já é precário, pois, em média o tempo de viagem até a capital, Boa Vista, através do transporte intermunicipal é de 9 (nove) horas. No entanto, em períodos chuvosos, como demonstrado, a problemática é agravada. Como aponta CASTEL (2000, p. 21–22) “a exclusão se dá efetivamente pelo estado de todos os que se encontram fora dos circuitos vivos das trocas sociais”, assim, pensando a dificuldade de locomoção, o referido município tende a apresentar baixos índices de desenvolvimento quando comparados aos demais.

Esse afastamento encarece, dificulta e inviabiliza partes das trocas necessárias ao crescimento e desenvolvimento econômico, e conseqüentemente, o desenvolvimento social. Fato que se revela nos índices e indicadores do município. Sobre o Índice de Desenvolvimento

Humano – IDH do Brasil, ele ocupa a 5560ª posição e no estadual a 15ª com o coeficiente de 0,453. Quanto à extensão territorial, apresenta uma peculiaridade própria, pois mesmo detendo 8065,564 km² de limite territorial seus 7.925,95 km² são parte da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. (SEPLAN, 2014).

De acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, a população para o ano de 2017 era de 9.836 pessoas, considerando os povos indígenas que vivem na TIRSS. Dos dados obtidos, informaram que, em 2017, a população do Uiramutã correspondia a 8.375 pessoas, desses cerca de 1.886 encontram-se na sede do município. No mapa 2, permite visualizar a dimensão da ocupação urbana do município.

Mapa 2- Sede do Município do Uiramutã



Fonte: Elaboração próprias a partir do Google Earth (2018)

Outro ponto, seria a divisão do trabalho dentro desse espaço que pode ser destacada em dois pontos básicos, a mão-de-obra precária e estrutura comercial simples (Figuras 9 e 10). A respeito da estrutura política-administrativa, com exceção da Câmara municipal, os órgãos e secretarias se organizam espacialmente no entorno do centro comercial (Mapa 2). As estruturas, como visto no mapa 2, mostram que novas construções estão em andamento. Ainda sobre a organização do espaço, verificou-se que as casas possuem estrutura simples (Figura 7).

Figura 7 - Estilo de Moradia I



Fonte: Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal. Estilo de moradia.

Sobre as edificações, elas apresentam estruturas simples. Contudo, como mencionado anteriormente, a rua revela muito sobre as relações sociais que se desenvolvem sobre o espaço. O fato das casas não apresentarem muros e de muitos dos terrenos agruparem mais de uma residência, fortalecem os laços familiares (Figuras 7 e 8).

Figura 8 - Estilo de Moradia II



Fonte: Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal. Estilo de moradia.

Com relação à espacialidade do município, a atual configuração remete ao exercício de reflexão sobre a rua, essa que para Carlos (2008, p. 51) “se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico, revelando nos gestos, olhares e rostos, as pistas das diferenças sociais”. Ela serve como elemento de análise do espaço urbano, pois evidencia as formas de apropriação do lugar. Nas Figuras 9 e 10, o que se percebe sobre essa espacialidade é que o centro comercial ainda não apresenta uma divisão clara, pois as lojas seguem um padrão de construção simplista e não foram observados elementos de segregação entre os comerciantes.

Figura 9 - Organização do Centro Comercial



s.

Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal.

Diferente disso, verificou-se que ele, mesmo com a definição de cidade, não recebeu o aparato da urbanização. Não houve (ainda), uma atenuação da sociabilidade. O centro comercial serve tanto como espaço de trocas econômicas, quanto como lugar de encontro e

reconhecimento, como é o caso do Malocão (Figura 10).

Figura 10 - Malocão Cultural



Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal.

Ainda sobre ao espaço urbano em análise, talvez o que esteja em evidência seja também o papel do município dentro do espaço nacional. Pensar as razões pela qual ele se mantém pouco desenvolvido, isso em termos estruturais e produtivos, é justificável a partir da lógica produtiva atual. Sobre essa perspectiva, Santos e Silveira (2006) usam as seguintes proposições:

- a) Espaços de rapidez e espaços de lentidão: Do ponto de vista material, os espaços de rapidez são aqueles dotados de maior número de vias (em função da necessidade de fluidez). Os de lentidão, por sua vez, são aqueles onde o aparato de movimentação (sistema de mobilidade) encontra-se em construto ou em segundo plano. Eles se diferenciam quanto a divisão do trabalho, pois em detrimento do espaço de lentidão os de rapidez apresentam essa divisão. São observadas distinções entre eles em níveis hierárquicos, quem manda e quem obedece, assim como, as diferenças entre quem produz;
- b) Espaços luminosos e espaços opacos: A luminosidade corresponde ao acúmulo de densidades técnicas e informacionais, que os tornam aptos a receber investimentos daqueles que detêm o capital, a tecnologia e organização. São, ainda, política e administrativamente bem estruturados. Já os opacos, englobam os espaços cuja governabilidade é fraca ou ausente;
- c) Espaços que mandam e espaços que obedecem: Assim como há uma separação de atribuições poderes dentro de qualquer estrutura formal, os espaços, dada sua posição econômica e política, também se organizam. Os que comandam, em sua

maioria, são aqueles que contam com o maior poder sobre um determinado território. Os que se subordinam são aqueles que dependem de forma direta ou indireta de subsídios.

Dada essa breve explanação sobre o papel dos lugares, traduzindo isso para o local desta pesquisa, o município em destaque ocupa uma posição de subordinação. Pontos que enfatizam e fortalecem essa afirmação foram observados durante a pesquisa, e podem ser visualizados nas imagens capturadas. A figura 9 consegue demonstrar a ausência de técnicas e estruturas especializadas no município. A ausência de agência governamentais e especializadas, tais como bancos e instituições político-administrativa (Receita Federal e outros entes federais) enfatizam a dependência com Boa Vista.

Dentro do limite urbano do município, a praça (Figura 12), o campo de futebol (Figura 13), o bingo do Sr. Novaes (Figura 15) e a casa noturna “Peça e pague” (Figura 11) representam as formas de lazer disponíveis. Nas noites de sábado dois eventos são comuns, primeiro, a participação das famílias quase que em totalidade no bingo do Senhor Novaes (Figura 15). No que, os indivíduos comem e bebem quase que em clima de festa.

Figura 11 - Casa de Festa - Peça e Pague



Logo mais, ainda nas noites de sábados, por volta das 22h ou 23h seguem para a casa de festa Peça e Pague, sendo esse um hábito comum entre casais e jovens solteiros. Na ocasião, se nota a presença de pessoas advindas das comunidades circunvizinhas a sede do município. Lá as pessoas dançam e bebem quase que durante toda a noite (Figura 11).

A quadra de vôlei (Figura 12) quando observada a partir da sociabilidade manifesta, pode ser interpretada em duas concepções. Quando considerada como elemento de incorporação a praça, ela pode significar uma prática de resistência. Isso presumindo que ela não fora projetada pelo Estado, mas sim, reproduzida a partir das intenções de um grupo de jovens ansiosos a terem um lugar de lazer. Outro ponto pertinente, é o fato desta obra não haver sido concluída mesmo com sua significância para aqueles cidadãos.

Os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentes e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito a cidade (CORRÊA, 2004, p. 30).

Dessa forma, nota-se um movimento de apropriação e valorização por parte dos indivíduos quando mesmo com a ausência da infraestrutura básica, fazem uso e ali se reproduzem. Daí adentramos no sentido dado aos lugares e do papel da rua nessa conjuntura.

Figura 12 - Quadra de Volei



Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal. Estilo de moradia.

Quando Carlos (2008, p. 58) afirma que “a rua nos dá pistas, nos abre perspectivas de análise, nos dá elementos sobre o mundo real, sobre a vida, os cidadãos”, é uma reflexão do que categoricamente reconhecemos como cotidiano. Aparentemente o cotidiano do município é percebido como algo monótono e “parado”, no entanto, essa ausência de fluxos

Figura 13 - Campo de Futebol



intensos pode revelar algo mais profundo.

Fonte: : Nascimento (2017). Acervo pessoal.

Nesse sentido, tomando a praça como referência observou-se que o seu entorno é marcado pela presença de outros pontos de resistências e sociabilidade, tais como igrejas protestantes. Também há nela a presença do comércio informal semelhante ao que ocorre no malocão (Figura 14).

Figura 14 - Comércio Informal na Praça



Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal.

Sobre as edificações, elas apresentam estruturas simples. Contudo, como mencionado anteriormente, a rua revela muito sobre as relações sociais que se desenvolvem sobre o espaço. O fato das casas não apresentarem muros e de muitos dos terrenos agruparem mais de uma residência, fortalecem os laços familiares (Figura 15), como é o caso do Bingo do Senhor Novaes.

Figura 15 - Bingo dos Sábados



Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal. Estilo de moradia.

Diante das observações em campo e dos elementos aqui apresentados, se infere a paisagens cultural e natural do Uiramutã, quando comparadas a capital Boa Vista, ainda não possui todos os equipamentos que garantam aos seus moradores os direitos básicos da cidade. Contudo, a dinâmica ali presente apontam que a sua atual fase é de expansão, pois os espaços estão sendo se reproduzindo e reorganizando em prol disto.

4.2 O TERRITÓRIO NO UIRAMUTÃ: DILEMAS DE SUA FUNDAÇÃO E A TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL

Falar sobre o Uiramutã é também um exercício de reflexão sobre a Terra Indígena Raposa Serra do Sol. A criação de um é parte do processo de reconhecimento do outro, ou seja, entre ele existe uma relação tão complexa que próprio ato de entender exige do investigador uma leitura interdisciplinar.

No entanto, como o tempo que detínhamos para desenvolver essa pesquisa era curto, esse tópico se deteve apenas em descrever os fatos que antecederam a atual configuração do Uiramutã. Todavia, antes adentramos no mérito deste capítulo, se fez necessário uma abordagem sobre o conceito de território escolhido para esta pesquisa.

De acordo com Haesbert (2005, p. 13), o território está agrupado em três vertentes básicas: a econômica; a cultural e a político-jurídica.

- Jurídico-política: a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes visto como o poder político do Estado.
- Cultural (ista): prioriza a dimensão simbólico-cultural mais subjetiva, em que o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre o seu espaço,
- Econômica (muitas vezes economicista): bem menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho.

Sendo essas as principais referências para os estudos do território. No entanto, ele menciona que acrescentaria a esse grupo as dimensões natural(ista), envolvendo aspectos da relação sociedade-natural, assim como, o próprio aspecto biológico, englobando os elementos biológicos. Contudo, Haesbert (2005) acaba por inferir que o território é relacional, no que está ligado ao fluxo e as junções e abarca as suas diferentes dimensões.

Para Castro (2005) o território é um meio e condição para que as relações de poder se manifestem, sendo o poder marcado pelos diferentes interesses e conflitos territoriais. Havendo uma inseparabilidade entre ambos “[...] o território é a arena fundadora da política e das condições necessárias à existência e durabilidade da pólis” (CASTRO, 2005, p. 108).

Desse modo, a concepção que foi adotada é de que o “Território não apenas se define, mas se compreende a luz dos processos históricos e socioespaciais. E por conta disso o conceito fica exposto à diferentes concepções autorais e dimensões constitutivas” (HAESBERT, 2017, p. 23). No caso do lugar de estudo desta pesquisa, essa chamada ao histórico de sua fundação é ao mesmo tempo uma releitura dos conflitos territoriais que ali se fizeram e, de certo modo, ainda se fazem presentes.

Para percorrer sua trajetória se faz necessário uso da bibliografia já produzida por aqueles que já relataram momentos e acontecimentos ali existentes. Considerando que, o objetivo aqui não é discutir fatos anteriores, mas sim, apresentar um breve resumo dos fatos que englobaram a formação e reconhecimento territorial do município como base para compreensão dos fenômenos verificados nessa pesquisa.

Conhecido e reconhecido após a tão difundida disputa pela demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, que durante o processo fora matéria na imprensa nacional e internacional. Assim, retornado aos primeiros movimentos do processo de fundação do município é, ao mesmo tempo, uma releitura sobre a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Esse capítulo, como parte dos objetivos da pesquisa, se torna substancial para o entendimento das interações sociais daquela localidade.

O Uiramutã foi e é marcado pelos conflitos interétnicos, que perduram até os dias atuais e envolve políticos, fazendeiros, comerciantes, garimpeiros, povos indígenas e grupos

religiosos. (VIEIRA, 2014). Esses atritos são resultantes dos diferentes grupos étnicos e dos indivíduos que fizeram e fazem parte da sua dinâmica espacial.

Logo, ressaltamos que as relações interétnicas sempre marcaram a realidade amazônica desde quando primeiros colonizadores com a visão etnocêntrica se puseram superiores aos aborígenes e tentaram impor sua cultura, como foi no processo de colonização da Amazônia, conforme aponta Santos (2007, p. 397):

[...] a Amazônia que é inventada nestas intervenções, ocorre segundo o olhar etnocêntrico do português. Ao propor uma reforma dos costumes entre os indígenas, como vimos no Diretório, a base de organização familiar, societária, habitacional, religiosa, é sempre inspirada no modelo português. A invenção do outro se dá conforme os valores de quem inventa.

Esse mesmo pensamento e/ou olhar se faz presente nos atuais discursos que introduzem mudanças e diferentes projetos sobre a região, como foi o caso da emancipação do Uiramutã. O próprio processo de reconhecimento deste, que surge como forma de minar o avanço do processo de reconhecimento da Terra Indígena.

A promulgação de Lei Estadual de nº 98 de 17 de outubro de 1995, pela Assembleia Legislativa do Estado. Que na verdade se tratou de uma tentativa de inviabilizar a regularização das terras indígenas já definidas pela Comissão de Especial de Análise da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, referentes a delimitação do território a ser demarcado na Raposa Serra do Sol pelos grupos políticos em concordância com os grupos de interesses

Naquela ocasião, o então Conselho Indígena de Roraima - CIR, protocolou seu protesto junto a Advocacia Geral da União, a FUNAI e Procuradoria da República, que ante a iminente tentativa, impetraram uma ação judicial de interdito proibitório contra o Estado de Roraima. Porém, mesmo sobre protesto dos grupos de apoio a demarcação, o estado conseguiu garantir a fundação do município do Uiramutã, que até o momento era uma vila de Normandia. (SANTILLI, 2009).

Com essa emancipação o Uiramutã acabou se consolidando como é um município que está inserido em terra indígena, aonde só apenas a sede dele não faz parte da Terra Indígena Raposa Serra do Sol.

Por esse diploma legal ficaram excluídas dessa área as extensões territoriais ocupadas pelo 6º. Pelotão Especial de Fronteira (situado no Município de Uiramutã), os equipamentos públicos e instalações da União e do governo estadual já existentes, o núcleo urbano correspondente à sede do Município de Uiramutã, as linhas de transmissão de energia elétrica e os leitos das rodovias federais e estaduais implantadas na região em apreço. (GAROFÓLO; SANTOS; PINHO; 2011, p. 12).

No entanto, esse reconhecimento não foi rápido nem tão simples. Teve uma duração de três décadas e, conseqüentemente, esteve marcado por conflitos. Sobre o isso Repetto

(2008), destaca as pressões sociais exercidas pelos diferentes grupos políticos que tentaram minar a demarcação da Raposa Serra do Sol. Grupos que estão distribuídos e estritamente relacionados a luta pelo poder político do estado. “Na luta pelo controle do poder, esses grupos vão fazendo concessões e alianças com os diversos setores sociais e também indígenas”. (REPETTO, 2008, p. 24).

Ele menciona que durante o processo de reconhecimento da Terra Indígena Raposa Serra do Sol - TIRSS, os grupos que se faziam presentes eram distribuídos entre quatro, sendo eles: os ligados ao até então governador Ottomar de Sousa Pinto; os do senador Romero Jucá; os do ex governador Neudo Campos e, por fim, aqueles de menor representatividade relacionados ao Sr. Airton Cascavel, que havia se separado do grupo do Neudo Campos. (REPETTO, 2008).

O interessante é que atualmente, a liderança do estado encontra-se na mão da família Campos, que no ano de 2014 assumiu o governo do estado através Sr^a Sueli Campos, da esposa do ex governador Neudo Campos, que havia sido impedido de concorrer ao cargo por questões legais relacionada aos inúmeros processos que incorrem na Justiça Federal relacionados ao seu antigo mandato.

É pertinente destacar que Neudo Campos, durante o processo de demarcação da TIRSS “enquanto governador encabeçou oficialmente a contestação do processo administrativo de demarcação da T. I Raposa Serra do Sol, mantendo aberta política anti-indígena”. (REPETTO, 2008, p. 43).

Dentro desse pensamento, corrobora Santos (2014), ao mencionar a questão política do estado, onde ele afirma que a articulação do estado se divide em três grupos, sendo eles: o primeiro ligado ao ex-governador, e já falecido, Ottomar de Sousa Pinto; o segundo ligado ao Senador Romero Jucá e o terceiro é do ex governador, e também esposo da atual governadora Sr^a Sueli Campos, o Sr. Neudo Campos. O interessante é que ambos os autores concordam no sentido de que esses grupos detêm interesse sobre as terras indígenas e que, na sua maioria, já se manifestaram contrários ao processo de demarcação.

A relação desses atritos entre os grupos de interesse passa a ser parte da realidade do Uiramutã com o processo de expulsão do não índio das terras demarcadas. Dentre esses estavam alguns ou, melhor, maioria dos comerciantes. Logo, o receio dos povos indígenas não é tão aleatório como tentam descrever. Ele parte de uma questão histórica que antecedeu a atual configuração. Nesse contexto, é justificável o receio dos indígenas com relação aos projetos que impactam diretamente sobre o seu território.

5 CAPÍTULO IV – A EXPERIÊNCIA DOS MORADORES DO UIRAMUTÃ

5.1 O CIDADINO DO UIRAMUTÃ: PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS MORADORES

Entender o morador, ou melhor, conhecer um pouco das suas características e percepções faz parte do processo de leitura do lugar. Pois, como menciona Santos (1988) ao trabalhar a categoria lugar, afirmou que esse é resultado das manifestações sociais ali existentes. Assim sendo, a busca pelo perfil do morador acaba por conduzir a uma proximidade dos seus aspectos sociais e das suas interpretações espaciais mediante as configurações espaciais presente.

Nesse sentido, Carlos (2007, p. 13) entende “a análise, para além da busca de modelos de interpretação, direciona-se ao entendimento da realidade urbana que se generaliza no mundo moderno, impondo a constituição de uma nova problemática espacial”. Um dos pontos para tal, é entender o sujeito, quem é o indivíduo que ali habita?

Seguindo o anseio de saber quem é o cidadão do Uiramutã e, de certo modo, fugindo dos dados estatísticos do governo, foi realizada uma pesquisa quantitativa com os cidadãos a fim de se traçar um perfil socioeconômico atualizado. Nela também foram abordados elementos da paisagem e turismo, que serviram para entender a percepção dos partícipes.

Na busca por essas informações recebemos dados da prefeitura local, através do Diretor da Unidade de Saúde Básica-UBS, que na sede do município residem cerca de 440 (quatrocentas e quarenta) famílias, que juntas correspondem aos 1.886 moradores. No entanto, nem todas as famílias possuem residência própria, pois muitos filhos casam e permanecem residindo na casa dos pais, o que vai explicar a discrepância entre o número de residências e famílias.

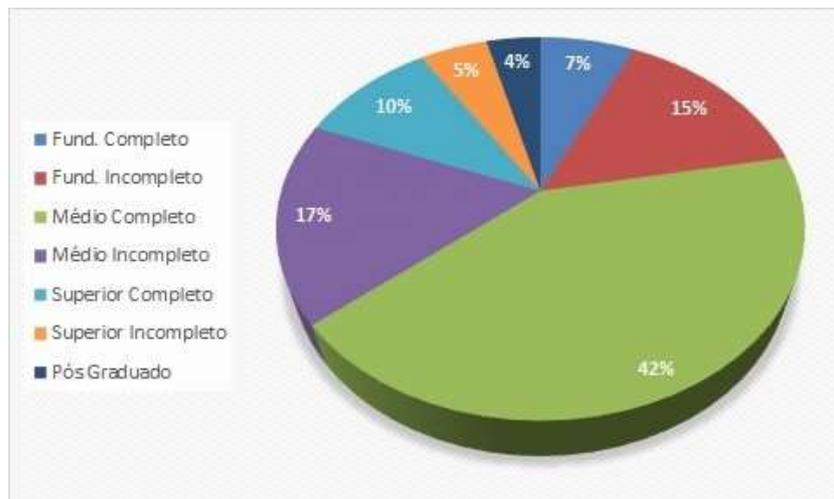
Desse modo, para uma maior aproximação do perfil do morador local, foram aplicados 100 questionários na sede, sendo para tal usado o critério de residência, ou seja, aplicar um por casa ou família. Esse tipo de coleta metodologicamente válido, pois recai na amostragem por conveniência. Esse tipo de amostragem não-casual é utilizado quando não há certezas quanto a probabilidade da população participante. No caso do local de pesquisa, as incertezas correspondem ao interesse dos moradores em participar e de se estipular precisamente o quantitativo de famílias, visto que muitos filhos acabam residindo com os pais mesmo após o casamento.

Dito isto, quando da análise dos dados, uma das categorias para formação do perfil

dos moradores, se verificou que a distribuição por gênero (feminino e masculino) se mostrou equilibrada, destarte, os resultados foram de 50% (cinquenta por cento) para cada gênero. Essa informação é importante quando se trabalha a percepção, visto que os homens e mulheres percebem a paisagem de modo distinto, conforme afirma Tuan (2012). O que por sua vez, vai influenciar nas respostas destes ao questionário.

De acordo com o Gráfico 1 o nível de escolaridade dos partícipes é composto em sua maioria por indivíduos que concluíram o ensino médio. Essa informação, quando comparada as observações de campo, se justifica pela ausência de instituições de ensino superior no município. Logo, aqueles que almejam continuidade na formação precisam se locomover até Boa Vista ou Pacaraima.

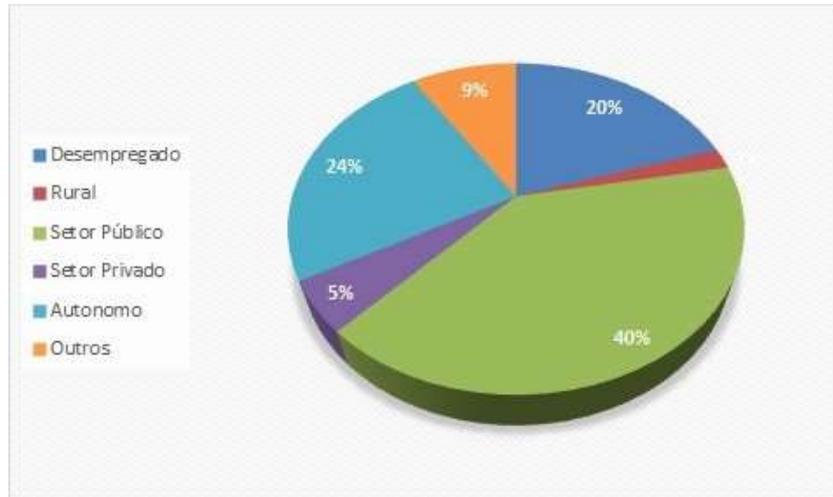
Gráfico 1 - Nível de Escolaridade



Fonte: A autora (2018)

Essa informação possui relação com a ocupação profissional dos moradores. No Gráfico 2 a maior parte dos indivíduos atua no serviço público. O dado chama atenção sobre a organização econômica do município, pois quando se tem maior parte dos indivíduos no setor público é um reflexo de que a iniciativa privada ainda não tem muito peso no cenário local.

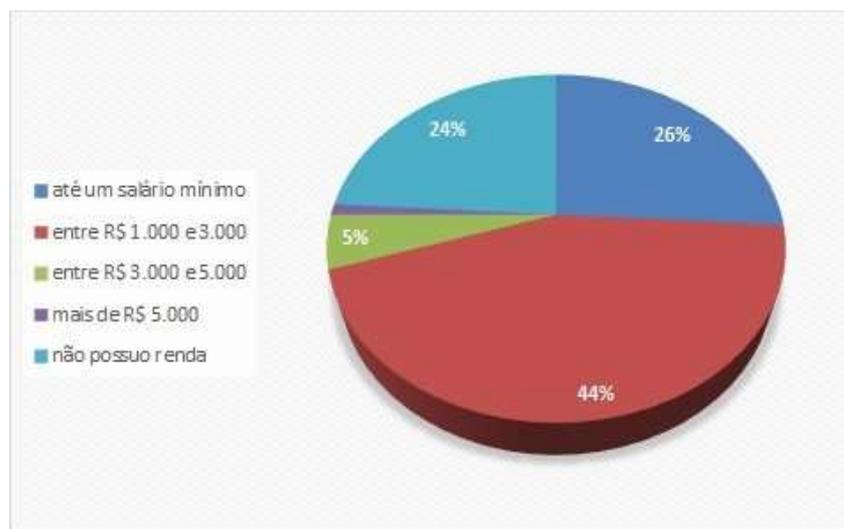
Gráfico 2 - Ocupação Profissional



Fonte: A autora (2018)

Seguindo esse viés, destacamos o Gráfico 3 que demonstra a renda dos cidadãos, em qual a maioria dos respondentes afirma ter a renda mensal entre R\$ 1.000 — 3.000. Contudo, mesmo com essa renda, o poder de compra deles é pequeno, ora pelos custos ora pela ausência de produtos dentro do comércio local. Assim, é comum nos transportes intermunicipais a presença de moradores munidos de grandes bagagens, principalmente de gêneros alimentícios.

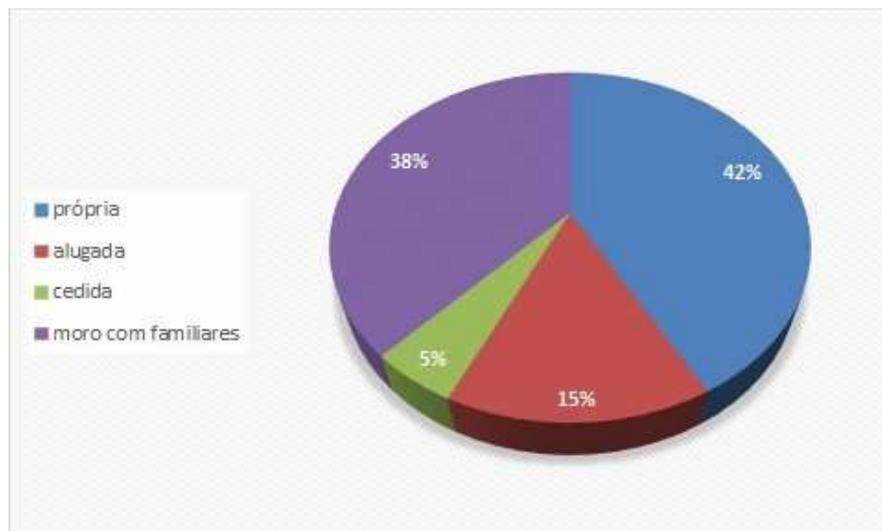
Gráfico 3 - Renda Mensal



Fonte: A autora (2018)

Seguindo a questão renda, outro aspecto levantado foi a moradia, pois, durante os trabalhos de campo se verificou que muitas famílias dividiam a residência ou terreno com seus pais e parentes. Outro ponto marcante, fora a presença de novas construções e imóveis para locação. Desse modo, quando perguntados sobre a sua residência a maioria dos participantes respondeu que habitavam em imóvel próprio fora de 42% (quarenta e dois por cento), contra 38% (trinta e oito por cento) que informaram morar com familiares (Gráfico 4).

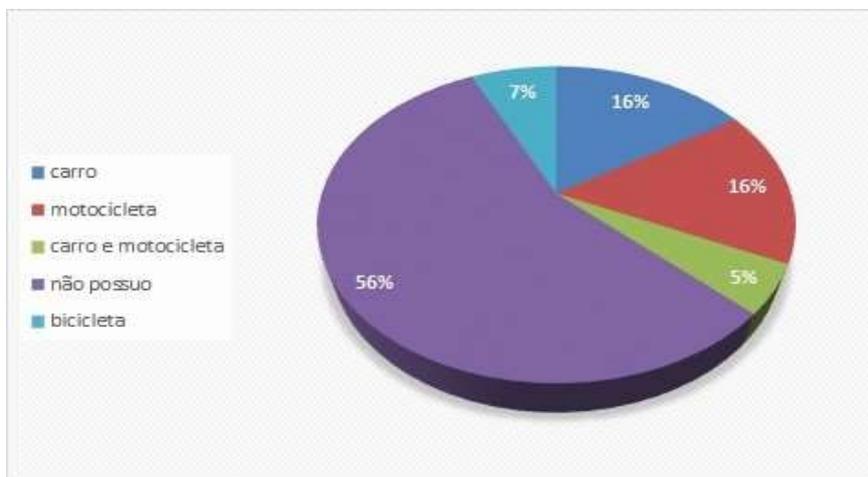
Gráfico 4 - Tipo de Moradia



Fonte: A autora (2018)

Também foi perguntado aos moradores qual o meio de transporte eles possuíam. Em sua maioria informaram não possuírem meio de transporte próprio. Os demais, se dividiram entre motos, carros e bicicletas (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Meio de Transporte



Fonte: A autora (2018)

Para finalizarmos as caracterização do perfil dos moradores, foi perguntado sua idade e

tempo de residencia no município (Tabela 2). Essas informações ajudaram na análise de suas respostas as questões que envolvem a paisagem e turismo, pois, a experiência e os laços afetivos do homem com o lugar são reflexos daquilo que eles vivenciam.

Tabela 2 - Tempo de Residência

Tempo de Residência	Respostas	%
Menos de 1 ano	12	12%
1 a 5 anos	19	19%
6 a 10 anos	17	17%
11 a 15 anos	9	9%
16 a 21 anos	9	9%
21 a 25 anos	4	4%
mais de 25 anos	5	5%
nunca morei em outro lugar	25	25%

Fonte: A autora (2018)

Quando colocamos os dados da Tabela 2 com os da Tabela 1 em comparação, se infere que a maioria deles são nascidos e criados no município, ou, como informado por eles, moravam nas vilas que foram desocupadas durante o processo de demarcação da terra indígena Raposa Serra do Sol. Porém, mesmo diante disso, sempre estiveram na região do Uiramutã.

Tabela 3 - Faixa Etária

Intervalo Etário	Respostas	%
menor de 18 anos	16	16%
de 18 a 28 anos	32	32%
de 29 a 39 anos	28	28%
de 40 a 50 anos	11	11%
de 51 a 61 anos	12	12%
de 62 a 72 anos	0	0%
acima de 72 anos	1	1%

Fonte: O autor (2018)

Por fim, foram perguntados como eles se identificavam. Sobre a identidade cultural Bourdieu (2004), menciona que ela pode ser observada através de critérios objetivos que marcam a identificação, tais como sotaques, dialetos, práticas sociais e outros.

A procura dos critérios objetivos de identidade regional ou étnica não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) são objetos de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetivas, em coisas (emblemas,

bandeiras, insígnias, etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que tem em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e de seus portadores (BOURDIEU, 2004 p.112)

Assim, quando perguntados sobre como eles se identificavam, os respondentes contextualizavam a sua relação com o Roraima, Uiramutã e Indígena, se observou que mesmo aqueles que se afirmavam indígenas na fala, acabavam por reponder Roraimense ou Uiramutantense. E isso era comum, mesmo entre aqueles que não havia nascido no município ou estado (Tabela 4).

Tabela 4 -Identificação dos Moradores

Identificação	Respostas	%
Roraimense	33	33%
Uiramutantense	24	24%
Indígena	27	27%
Outros (Maranhense, Cearense, Manauara, etc...)	16	16%

Fonte: A autora (2018)

Desse modo, conseguimos estabelecer o perfil dos moradores. Como Tuan (2013, p. 159) afirma "o lugar é uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne centro reconhecido valor". Assim, é justificável relação dos indivíduos quando da sua identificação.

5.2 A PAISAGEM: SIGNIFICAÇÕES E SENTIDOS DO LUGAR

Com base na pré-categorização, foram elaboradas as perguntas que subsidiaram as entrevistas com os moradores. Elementos como tempo residência, papel social dentro do grupo e conhecimento quanto a realidade local. Esses foram alguns dos fatores considerados, mas, entre esses, outro ponto chave foi a indicação preliminar dos mesmos durante o processo de levantamento de dados quantitativos da pesquisa.

Considerando o comprometimento ético com os entrevistados, seus nomes foram suprimidos e lhes foram atribuído nomes fictícios, como forma de garantir-lhes o conforto. Contudo, para uma melhor compreensão de suas falas, se apresenta abaixo o perfil desses (Quadro 2).

Quadro 2 -Perfil dos Entrevistados

Nome Fictício	Tempo de residência	Gênero	Identificação
Entrevistado A	17 anos	Masculino	Roraimense
Entrevistado B	Filho do Uiramutã	Masculino	Uiramutantense
Entrevistado C	Filho do Uiramutã	Masculino	Uiramutantense
Entrevistado D	12 anos	Feminino	Uiramutantense
Entrevistado E	35 anos	Masculino	Maranhense
Entrevistado F	38 anos	Masculino	Cearense
Grupo de Jovens	Filhos do Uiramutã	Masculino e feminino	Uiramutantense

Fonte: A autora (2018)

Os dados do quadro 2 foram assim organizados para que o leitor possa identificar as falas e compará-las com o entrevistado. Essa informação, conforme mencionado no Capítulo 3, revelam as diferentes percepções aclamadas pelos indivíduos, ainda que integrantes do mesmo grupo social.

Como já fora discutido, a paisagem tem servido como categoria de análise para os estudos que englobam as relações culturais e sociais dentro determinado espaço e são manifestações do tempo presente como também reflexões a partir de referências passadas. Durante a coleta de dados os cidadãos responderam a questões que remetem a sua experiência com o lugar, englobando nesse ponto aspectos que dizem respeito a sua vivência no Uiramutã. De acordo com Tuan (2013), os indivíduos atribuem valores ao lugar através do que eles conhecem e constroem no lugar.

“O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar”. (TUAN, 2013, p. 3). Assim, remetendo a forma como os entrevistados reconheciam o Uiramutã como seu lar, ficou evidente que esse pensamento estava presente até entre aqueles recém-chegados. O sentimento, como menciona Tuan (2013), são resultados da experiência, nessa perspectiva, ao descreverem o bem-estar de se viver ali, revelam a afeição deles para com o lugar.

Eu gosto de morar aqui. É um lugar muito calmo, as pessoas já me conhecem. Bastante pessoas aqui já me conhece. Várias cachoeiras bonitas também. Lugar bom pra se viver. **(Entrevistado B)**.

Gosto sim! Porque aqui no Uiramutã, em primeiro lugar, é um lugar tranquilo. A gente aqui não tem aquela... aquilo que tem na cidade... aquele negócio de que você vive com medo de sair. Aquele transtorno. E mesmo no Uiramutã que é lugar que corre dinheiro você não tem medo de sair. Esse município, acho que não tem nenhum aqui de Roraima que corre dinheiro que nem o Uiramutã e eu tirei para morar no Uiramutã. **(Entrevistado E)**.

Eu gosto. Eu gosto dessa vida de interior. Do clima daqui. O que não gosto daqui é a estrada. **(Entrevistado D)**.

Muito, a gente gosta de morar aqui. A tranquilidade e as paisagens. Não tem tanta violência, principalmente a tranquilidade. **(Grupo de Jovens)**

Essa impressão, segundo Tuan (1983), não se ocorre de modo aleatório, mas sim por influência do seu corpo. O corpo, no caso do homem, esse processo é ímpar, pois a posição ereta proporciona uma visão e apreciação diferenciada e única. Disso, afirma Tuan (2013), é que resulta o sentimento de dominação do espaço e familiaridade, ou seja, não se constitui de modo aleatória, mas sim de vivências do corpo.

Desse modo, quando os moradores afirmam que estilo de vida é tranquilo, eles não o fazem de modo aleatório, mas recorrem ao sentimento de segurança que experimentam ali. Essa também correspondeu a percepção do mencionado por 97% dos participantes que responderam ao questionário quantitativo da pesquisa, para tal a justificativa era o baixo índice de violência e outros problemas que viram ou ouviram sobre as cidades grandes (Gráfico).

Gráfico 6 - Percepção da Paisagem



Fonte: A autora (2018)

Em contrapartida, os outros 3% dos entrevistados relataram que em comparação aos tempos passados a vida estava mudando, principalmente, pela chegada de coisas ruins. Essa “coisa ruim” foi relatada tanto pelos que afirmavam tranquilidade quanto pelos que alegavam agitação e na percepção desses, correspondia ao conhecimento de que alguns jovens estavam consumindo drogas trazidas de outros lugares.

Como a cultura, o espaço não é estático, ele muda e permuta conforme as mudanças de comportamento do homem. Essas alterações, de certo modo, são reflexos do modo de produção e, conseqüentemente, a sua infraestrutura que é moldada aos interesses e usos da paisagem pelo homem. Entre o período de 2015, quando deu-se o contato inicial com o município, e 2017, verificou-se transformações na infraestrutura local. Dessa maneira, mais uma questão foi abordada na entrevista, as novas configurações espaciais.

Sobre o tema, a percepção dos moradores demonstra que essas novas edificações são consequência da expansão do comércio e da própria demanda dos moradores, mas principalmente, segundo as concepções dos cidadãos, por uma mudança de comportamento deles.

A estrutura do município modificou, pois por exemplo, quando eu cheguei aqui as casas era tudo de palha, né! Taipo! Hoje não! Hoje nós temos as casas de alvenaria, nós temos os prédios aí, que a senhora já pode perceber ali. Mudou muito de 2000 pra cá, durante 17 anos o Uiramutã mudou muito **(Entrevistado F)**.

Mudou muito, porque antigamente aqui as ruas, principalmente as principais, eram tudo de piçarra agora tá paralelepípedo, os comércios também que existiam pouco agora tem muito; bastante gente que agora tá chegando; bancos também e iluminação. Falta melhorar mais, né! Mas melhorou muito **(Grupo de Jovens)**.

Olha, com relação a urbanização mudou muito, mudou bastante, mas deixa muito a desejar. Posso dizer assim: quando eu cheguei aqui, por exemplo, as ruas não eram pavimentadas era tudo terra mesmo! Estrada era tudo rua de chão, né! Agora já tem anos que elas melhorou no aspecto geral, os comércios, antes a gente tinha só dois comérciuzinho que a gente fazia compras. A maioria das pessoas tinham que ir para Boa Vista pra comprar. Agora não, agora você compra basicamente tudo aqui. Aumentou muito depois dessa questão que teve Raposa Serra do Sol de que fizeram a divisão mesmo de área indígena e área que pode morar não índio. Essas comerciantes tiveram que sair dessas áreas que hoje só pode morar índio, né! E tiveram que vim para o único lugar onde pode morar não índio, que é aqui na sede. Então, melhorar, melhorou, mas eu acho que ainda deixa muito a desejar **(Entrevistado D)**.

Santos (1999) afirma que só é possível falar em tempo-espaço a partir do evento, desse modo pensando como essa percepção de mudança do espaço ao longo do tempo pelos cidadãos é percebida, o mérito do evento, talvez assim dizendo, seja a própria fundação do município, conforme fala do entrevistado D. O interesse em firma-se enquanto unidade federativa, assim como daqueles que foram coagidos a abandonarem as antigas posses e daqueles que migraram em busca de novos ganhos acelerou o processo de estruturação do espaço.

Mesmo que a estrutura física tenha passado por transformações, a necessidade de melhorias ainda é latente na fala dos entrevistados que englobam elementos da infraestrutura comum de uma cidade, tais como bancos, locais de lazer, comércios e outros, não são parte da realidade local. Sobre isso, Carlos (2007, p. 51) afirma que “A cidade, em si, só pode ser determinada como lugar à medida que a análise incorpore as dimensões que se referem à

constituição, de um lado, do espaço urbano, e de outro, aquela da sociedade urbana”.

Nesse ponto, o município estaria num processo de transição, pois as primeiras bases estão sendo levantadas para essa consolidação, havendo neles um anseio pela chegada dos aparatos da estrutura urbana.

Ah, falta muita coisa aqui! Nesse momento (período da pesquisa) a gente não tem um banco aqui, a gente tinha um banco postal que não funciona mais e tem uma agência do Bradesco, mas que quase não funciona como banco. Se você precisar depositar um dinheiro mesmo, precisa ser um valor muito alto não, você não consegue depositar R\$ 1.000 (mil reais). Então os comerciantes hoje têm um grande problema com isso **(Entrevistado D)**.

Deveria ter uma, tipo uma coisa de música, uma casa ou uma praça que tenha coisa cultural todo final de semana assim. Uma coisa que possa divertir mais as pessoas, futebol ou outra coisa assim **(Entrevistado B)**.

Eu vejo faltando algumas coisas em relação ao saneamento básico, tá precisando, né! Pra que não venha a agredir o meio ambiente. É preciso uma rede de esgoto. Um melhoramento das praças, né! **(Entrevistado C)**.

Mesmo diante das necessidades postas, os laços afetivos deles não foram abalados. Todavia, ainda que estejam insatisfeitos como a ausência de elementos estruturais, quase todos responderam que não desejam deixar o município. Essa sensação de pertencimento revelam o sentimento topofílico deles e, conseqüentemente, a sua identificação com o lugar. Em termos de relações sociais, as falas sempre mencionam os laços amizade e parentesco. Quando destacam a hospitalidade deles e entre eles, reforçam as heranças culturais.

Eu nasci e me criei aqui no Uiramutã. Se não tivesse nascido e criado, eu ia nascer aqui de novo, outra vez. Porque o Uiramutã ele tem, além dessas belezas, a sua parte natural, de famílias, né! Respeitosa, em primeiro lugar a gente respeita. Isso é muito bom, isso dá uma longevidade na vida da gente. Quase não há preocupação, é pouco, não tem! **(Entrevistado C)**.

É pelo povo, né! Nós temos um povo hospitaleiro e me identifiquei com eles. Então, a gente não teve nenhum problema em morar aqui no Uiramutã. Vivo aqui esses anos (38 anos de residência), minha família é daqui, arrumei mulher daqui mesmo, indígena, construí uma família e hoje tenho uma família criada aqui. Então, acho bom morar no Uiramutã **(Entrevistado F)**.

Retomando os anseios deles em relação a infraestrutura, identificou-se que eles associam a ausência dos elementos ao baixo desenvolvimento. Mesmo com referências simplistas do venha a ser “desenvolvimento” e “cidade desenvolvida”, até mesmo num ambiente afastado e, diga-se de passagem, isolado é persistente a ideia de “centro” e “periferia”. A mudança no padrão de construções naquele espaço, como afirmam os entrevistados, vislumbrando assim uma valorização do terreno e, de certo modo, contribuindo para integração social ou segregação.

Então quanto mais simples uma pessoa, ela fica longe dessa rua, daquela dali e da terceira. Aquela rua ali, que é a Jatobá, eles já consideram assim as pessoas que tem uma renda menor. E então, quem tem uma renda menor ainda vai ficando mais ali atrás da escola, mais ali depois da ponte **(Entrevistado D)**.

Depende das pessoas, porque tipo: as pessoas tiveram terreno aqui no meio (centro) e agora já as que chegaram agora, estão nos novos bairros (**Grupo de Jovens**).

Dentre as tantas configurações que marcam o lugar, mesmo com passados 22 (vinte e dois) anos da formação do município e 13 (treze) anos de demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, as relações quanto ao uso dos lugares soa uma tanto conflituosa. Aqueles que moram na sede, mesmo reconhecendo o direito indígena à TIRSS, não concordam com os limites e modo pelo qual a divisão ocorreu. Entendem que o recorte espacial impôs barreiras ao “desenvolvimento do município” e afirmam que os povos indígenas sofrem “manipulações ou influências externas para ficarem contra eles”.

Contudo, o próprio sentimento é dividido, pois reconhecem e anseiam que os “parentes” se articulem em conjunto com eles para usar as belezas como meio de renda e valorização da cultura local.

O Uiramutã deveria melhorar para realizar o sonho de várias pessoas, pois meu sonho é vê o Uiramutã bem desenvolvido. Sem essas partes de cultura pra um lado e turismo pra outro. Juntar todas elas e fazer uma coisa que todos possam prosperar, né? (**Grupo de jovens**).

Aqui nós não podemos desenvolver como nos outros lugar do país. Aqui nós somos restritos a outro tipo de desenvolvimento, né! Nós aqui falta muita coisa, falta estrada, falta mais educação, mais saúde, mais lazer e muitas coisas que tragam lazer. Muita coisa nós não temos, nós tamos ainda no tempo da cultura de antigamente (**Entrevistado F**).

Quando questionados sobre o elemento da paisagem do município que, na sua opinião, melhor caracterizava e marcava a identidade do Uiramutã, 81% deles afirmam ser as cachoeiras (Gráfico 6).

As cachoeiras, as serras, as belezas do Uiramutã. (**Entrevistado E**)

O Uiramutã, eu hoje vejo assim, eu vejo por duas coisas fundamentais no Uiramutã, além do que eu falei sobre desenvolvimento precisa ainda: energia, educação e infraestrutura pra estrada, né! Tem duas coisas que é assim, a água, gosto muito da água, então isso aí é essencial. Água é vida pra nós aqui. Como disse, já conheci muitos lugares e nunca é como aqui. E outra coisa, nós temos água limpa, não são águas poluídas. É água limpa, entendeu? Então, isso preocupa um pouco, hoje o município as pessoas têm respeitar mais um pouco. E depois, nós temos as pequenas ilhas de matas, mas que também são muito produtivas, muito produtivas. Então, aqui nós temos tudo aqui. (**Entrevistado C**)

Paisagens e cachoeiras. Tem as pessoas daqui algumas, os lugares, as paisagens e cachoeiras. (**Entrevistado B**)

A cerca do papel das cachoeiras elas servem como referência a construção da identidade do lugar no sentido de que “o espaço passa a ganhar significado e definição” (TUAN, 2012, p. 151). Esses sentidos dados ao espaço, são difíceis de serem interpretados, uma vez que correspondem as experiências íntimas do indivíduo. Mesmo para eles, o ato de descrever o sentimento é dificultoso. Mesmo com toda dificuldade de expressão, as

experiências íntimas com o lugar podem ser exteriorizadas.

O valor que eles atribuem a paisagem natural é enaltecido na preocupação pela manutenção da atual configuração existente. No entanto, como mencionado, essa preocupação não é compartilhada por todos e, de alguma forma, gera receios que venha a ser negligenciada com a presença de externos. Nesse sentido dois pontos se evidenciam, o valor econômico da paisagem e a valor ecológico.

[...] Sempre que eu vou em banho, eu costumo levar um saco de lixo, pois o lixo dos outros tá lá. Assim, entristece a gente nessa parte aí. Imagina se o Uíramutã desenvolver mesmo, como vai ficar isso?! Se não for de uma forma legal, vai prejudicar tudo. (Grupo de Jovens).

Sobre a fala supracitada, o que se pode inferir dela é que o valor e o interesse de que o meio ambiente se mantenha intacto, ou pelo menos aparente se manter, é correlato ao envolvimento deles com aquele meio. Dele advém parte significativa de sua memória, vida e sustento. Valendo a fala de Tuan (2012), de que “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo”, visualizar o valor dado pelos cidadãos aos elementos de sua paisagem ajuda compreender a relação de proximidade. Mesmo havendo a separação legal, isso por conta da TIRSS, os laços afetivos não sofreram limitações.

5.3 PERCEPÇÕES DO TURISMO NO UIRAMUTÃ

Seguindo os objetivos propostos desta pesquisa, procedemos de agora por diante na apreciação dos dados qualitativos com relação ao turismo. Como menciona Minayo (2002), ela busca responder a questões muito peculiares de intrínseco dos indivíduos. Neste caso presente, especificamente, se buscou entender mediante a fala dos indivíduos a sua percepção quanto ao turismo.

Sabendo que as valorações que os lugares possuem transmitem as experiências dos indivíduos que o vivenciam. Ela se manifesta de forma distinta entre os integrantes de um mesmo grupo étnico, entre pais e filhos, homens e mulheres, jovens e adultos; ou seja, ela vai sendo construída a partir do intrínseco de cada um. Mesmo que as referências sejam semelhantes, como é o caso dos grupos sociais que dividem o mesmo espaço, elas são interpretadas conforme os sentidos de cada homem.

Tuan (2012), ao trabalhar a topofilia e meio ambiente, destacou que os laços afetivos do homem com o lugar são “mais permanentes e mais difíceis de expressar”. Eles envolvem fatores biológicos, relações de espaço e lugar, apreciação e experiência com o lugar.

Ao perguntarmos sobre o visitante, adentramos no universo da percepção dos moradores sobre o turismo. Assim, buscando conhecer o que eles presenciaram e vivem verificou-se que as concepções dos moradores da sede são positivas, mas de certo modo ingênuas, visto que vislumbram apenas elementos positivos. O visitante, na opinião deles, traz ao município renda, gera trocas de saberes e favorece a divulgação do município (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Percepções do Turismo

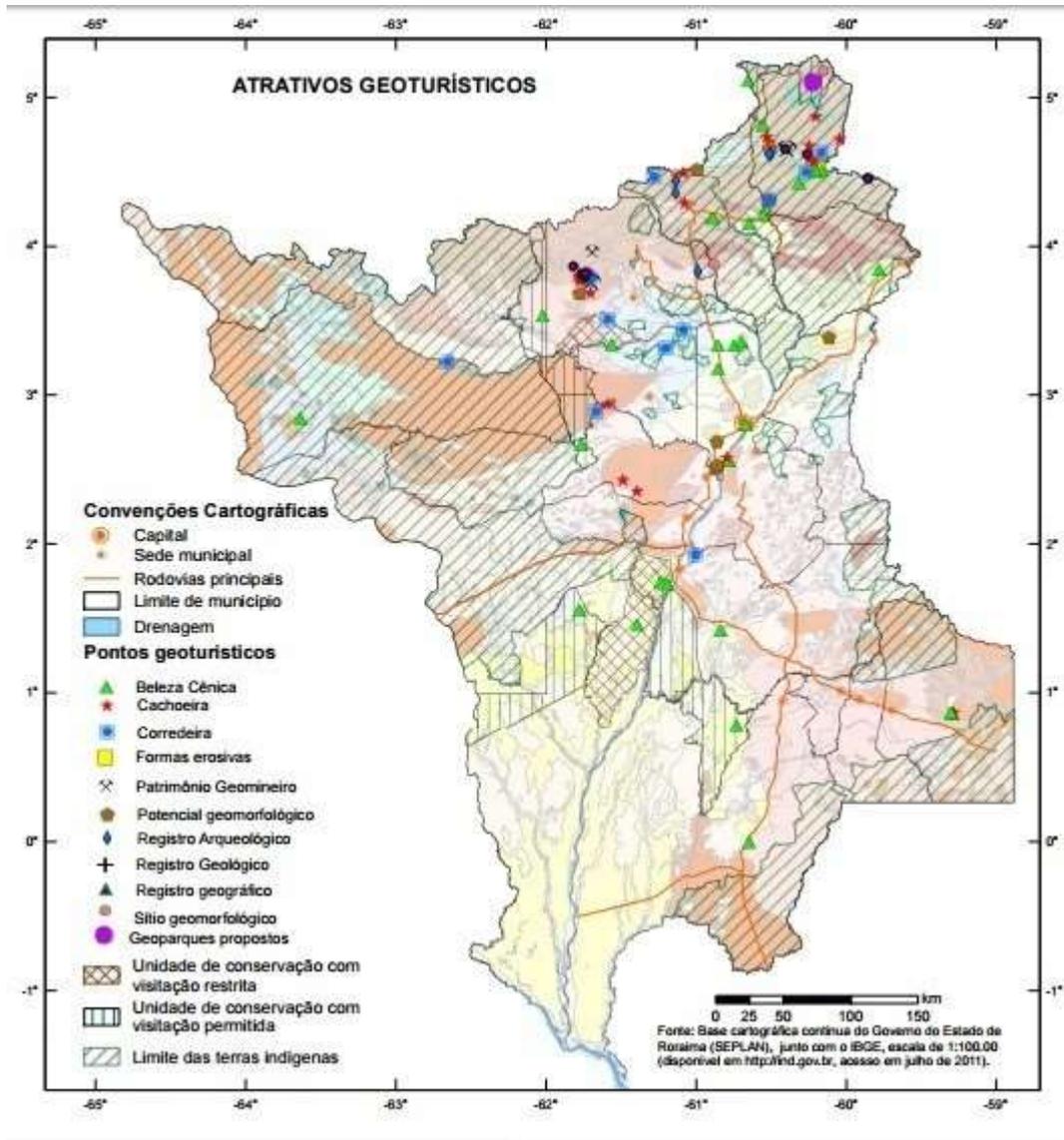


Fonte: A autora (2018)

Dentre os tantos lugares frequentados pelos visitantes, houve quase que um consenso com relação à procura pelas cachoeiras. Das tantas existentes na região, segundo moradores, as cachoeiras mais visitadas tanto pelos cidadãos quanto pelos visitantes são: Urucá e Sete quedas. Outros pontos bastante frequentados são a Serra do Cruzeiro de Sul e as corredeiras do Paiuá (Figura 17).

Essa observação já havia sido matéria de estudos do governo do estado de Roraima, tanto que em 2002 Doris Ruschmann, ao desenvolver um relatório técnico para o governo do estado sobre o potencial turístico do estado, fez menção ao município do Uiramutã, destacando suas cachoeiras, paisagens e diversidade étnica. Mencionou ainda que, seria essa uma área favorável ao ecoturismo e outras práticas turísticas (Mapa 3).

Mapa 3 - Mapa Geoturístico de Roraima



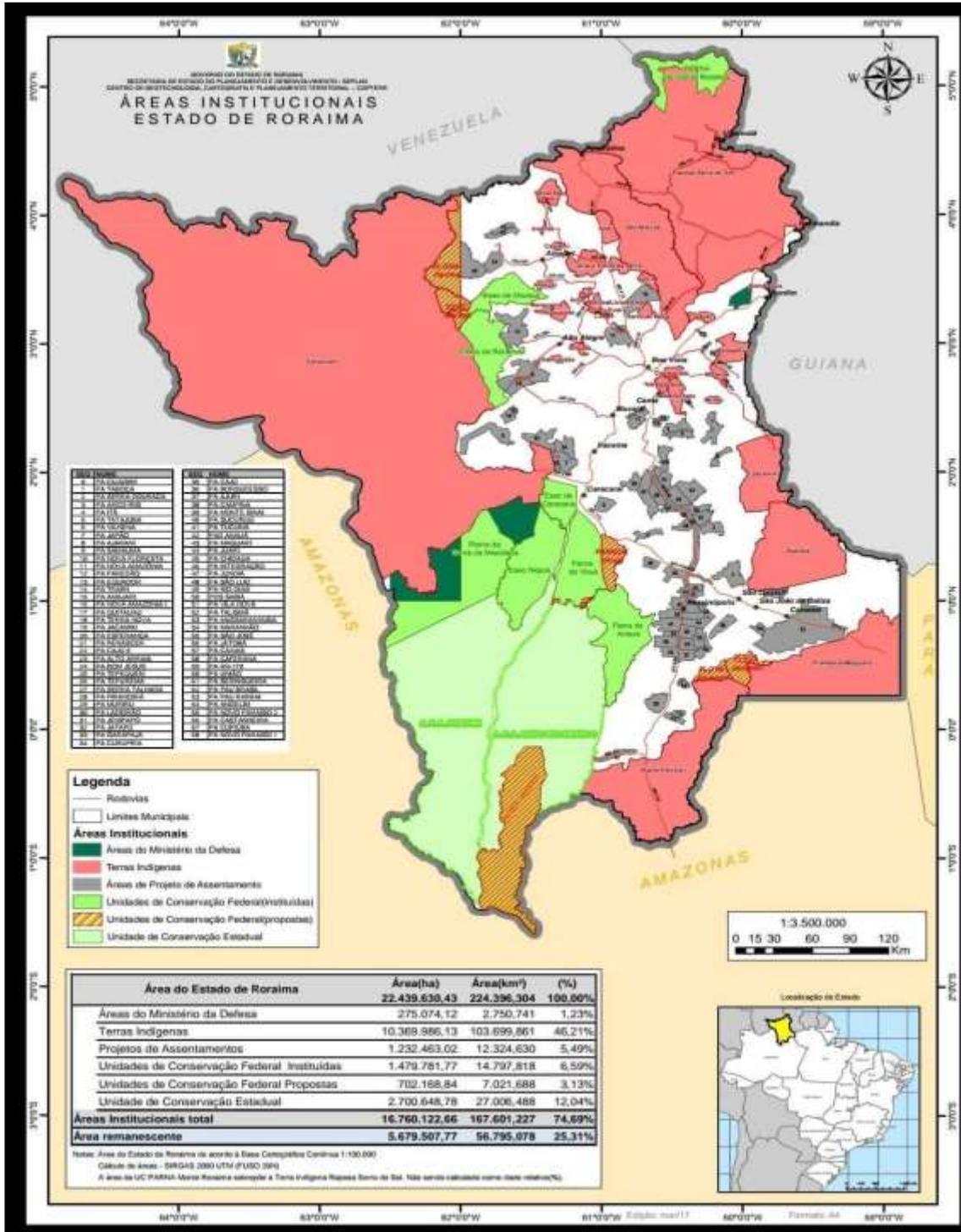
Fonte: CPRM (2014).

No entanto, quando comparado ao Mapa 4, se percebe o entrave ao avanço do turismo. Contudo, ao passo que se revela um empecilho, também pode ser considerada uma oportunidade. Pensando as terras indígenas, cabe destacar o fato de que juridicamente esses espaços possuem característica anômala por não se inserirem no modelo dicotômico público-privado do nosso ordenamento jurídico, mas essa característica é vista como uma aliada a sustentabilidade, conforme destaca Lauriola (2015, p.13):

O reconhecimento jurídico e político da territorialidade indígena representa uma premissa fundamental dos cenários de sustentabilidade possíveis. Por outro lado, não apenas o modelo teórico, mas também as formas efetivas em que tal modelo historicamente se aplica nas realidades específicas, são particularmente importantes

na definição dos cenários presentes e futuros. O quadro é complexo, devendo ser considerados fatores como conformidade entre reconhecimento da territorialidade efetivo e teórico, exposição de realidades específicas a pressões, histórico de contato entre sociedades indígenas e a envolvente, políticas públicas, entre outros fatores.

Mapa 4 - Terras Ocupadas de Roraima



Fonte: SEPLANRR - 2018

Esse pensamento, também se revelou presente na fala dos entrevistados. Logo, o turismo não seria um tema tão distante da realidade dos cidadãos. Sendo assim, a manifestação positiva dos respondentes de que nessa atividade o município poderia encontrar o desenvolvimento não seria algo tão infundado.

[...] Nós fazer nosso polo turismo aqui pro Uiramutã. Pra chamar gente de fora, que um dos melhores coisa aqui pra nós é o turismo mesmo. O potencial do Uiramutã é o turismo **(Entrevistado E)**.

[...] Eu acho que turismo é uma grande potência do município. Não pros brancos, porque aqui não tem branco, só tem índio. Em relação a melhoria dos índios **(Entrevistado A)**

[...] Uma coisa que eu sempre tive em mente quando vou nessas comunidades, no início não, porque eles levam tempo para aceitar essas pessoas assim. Depois que já tinha bastante que eu estava aqui e que eles passaram a me aceitar, eu vejo que eles (os indígenas) têm tradição indígena que eu acho que ia atrair muita gente **(Entrevistado D)**.

[...] O turismo pelo que eu vejo, o turismo no mundo todo é um dos potencial que menos agride e aonde gera mais renda é o turismo. E aqui nós temos, o que tá faltando na verdade é, como disse na outra vez, só tá faltando é o povo pra se organizar precisa de recurso, precisa de que o poder público tenha essa iniciativa, essa parceria com o poder público **(Entrevistado C)**.

[...] O turismo, né? Porque o turismo seria aquilo de maior ganho por causa da beleza, das cachoeiras. Ajudaria a divulgar o Uiramutã e os artesanatos das comunidades e dos moradores. Para todos seria uma oportunidade de ganhar renda **(Grupo de Jovens)**.

Essa fala reflete a valorização das belezas existentes na paisagem natural do Uiramutã. Na Figura 17 , temos aquelas por eles mencionadas e que fazem parte do lazer local.

Figura 16 - Cachoeiras visitadas pelos moradores e turistas



Fonte: Nascimento (2017). Acervo pessoal da autora. A) Cachoeira do Urucá; B) Cachoeira das Sete Quedas; C) Corredeiras do Paiuá e D) Vista das paisagens do Monte Cruzeiro do Sul.

Essa visão do turismo como fonte de venda, promoção e alternativa menos agressiva talvez, como afirma Coriolano (2014), seja consequência da ideia que acaba sendo vendida do turismo. Nesse ponto, as falas dos moradores reproduzem a ideia positiva do turismo, onde, envolvidos por um anseio ganhos e sem experiência com a prática pouco sabem dos reais impactos da prática.

O interessante é que nesse mesmo discurso se percebeu a população anseia por uma solução por parte do Estado acerca do uso dos espaços que se encontram fora do perímetro urbano, pois entendem que mesmo com a demarcação da TIRSS esses limites acabam gerando conflitos no modo de vida deles. O conflito se dá, na opinião dos moradores, por conta das influências externas, aqui mencionam os padres católicos, que lhes impedem de irem a lugares que durante muito tempo fizeram parte da sua vivência ali.

Moradores, em primeiro lugar porque as áreas onde tem as cachoeiras, a maioria não fazem parte do perímetro urbano. Então, assim atrapalhou um pouco, né? Então pra amenizar isso tem os festejos, né? Que dá pra nós ganhar alguma coisa quando as pessoas vem pra cá (**Grupo de Jovens**).

Tem que ter uma parceria com o poder público, tem que ter a iniciativa de alguém que vá. Começando no município, no estado e distrito. O Estado fazer um planejamento bonitinho; começar a trabalhar as comunidades com capacitação; passar essas informações do que é turismo; do que o turismo traz; o que pode ser aceito do turista,

entendeu? O que não deve vim. Tem uma série de coisas, inclusive já discuti isso com a própria FUNAI⁶ (**Entrevistado C**).

O turismo, ainda que informalmente, é uma realidade na vida dos moradores da sede, principalmente. Mesmo sabendo das limitações legais por conta da demarcação da TIRSS, os cidadãos apontam a presença e visitação de algumas das cachoeiras por visitantes. O que nos remete a questão das relações de parentesco, pois na maioria dos relatos o processo de visitação as comunidades, nos levando a pensar sobre as formas de apropriação comum dos espaços e recursos. Ao mencionar que:

Tem pessoas que vem e ficam lá nas comunidades. Aí eles querem impatar vocês de visitarem, mas vem caras do outro lado do mundo, por exemplo: tem caras que vem lá da Itália, lá de Canadá, lá do Japão e lá da Alemanha. Fica uma semana na comunidade deles aí. Porque foi homologado, eles sentem como dono de tudo. Entra aqui quem nós queremos (**Entrevistado C**).

Sempre tem visitante, mas tem mais nos feriados, festejos e final de ano. Tem uns três ou quatro anos que eles sempre vêm e lota as pousadas. Mais do Amazonas e Roraima. Feriado o pessoal vem tudo pra cá pro Uiramutã para ir para as cachoeiras. Como o turismo não é legalizado ainda, por isso que tem impasses, né? Eles vêm e não consegue ir pras cachoeiras, só vai nas cachoeiras mais próxima, né? Mas mesmo assim vem! (**Grupo de Jovens**).

Geralmente a gente recebe muitos visitantes turistas nos finais de semana, feriados e esses festejos. Eles dormem, passam dois dias no máximo e vão embora. As pessoas visitam hoje são que já conheciam o município de antes. O Uiramutã não era isso que é agora, antigamente era fazenda, garimpo, não era cidade igual é agora. Antigamente só era fazenda não era índio (**Entrevistado A**).

Eu tenho acesso a todos esses lugares porque moro aqui há doze anos e eles me conhecem bem, assim, né? [...] Eu fui levar ele para conhecer uma cachoeira aqui, aí quando a gente tava indo, tinha já carros voltando com o pessoal ali do quartel do exército que tinham tentando ir nessa cachoeira e que não deixaram (os indígenas), que mandaram eles voltarem. Aí ele (a pessoas que estava acompanhando) falou: - Não vão deixar a gente entrar. Aí eu disse: - Meu rosinho é bem conhecido aqui, eles deixam (**Entrevistado D**).

Das falas acima destacadas, assim como nas outras o que se tem é uma territorialidade específica, pois como essa a garantia do território se deu mediante o conflito, logo, adentram no mérito da questão levantada por Almeida (2008) sobre as relações que ocorrem nesses lugares. Os sentidos, significados e usos dos espaços, que até a Constituição de 1988 não apresentavam normatização, ocorrem e ocorreram a partir da necessidade de consolidação dos direitos lhe impuseram características próprias, ou seja, é singular de cada território.

Diegues (2001, p. 98), fala sobre o uso comum desses espaços, no que novas formas de uso e apropriação se estabelecem. Nesse ponto, as relações de parentesco, que sempre existiram,

⁶ A FUNAI entende que o turismo é possível, desde que seja uma iniciativa inicial das comunidades. Na região, em 2016, houve uma fiscalização e notificação de agências que estavam agindo sem o aval das comunidades indígenas. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/cinco-agencias-sao-notificadas-por-turismo-irregular-em-terra-indigena-de-roraima.ghtml> >. Acesso em: 17 janeiro 2018.

ganham novas configurações. “Esses arranjos subsistem e são permeados por uma extensa teia de relações de parentesco, de compadrio, de ajuda mútua, de normas e valores sociais que privilegiam a solidariedade intragrupal”. Dentro dessa teia, sempre haverá interesses individuais que carecem de mediação, pois “cada comunitário tentaria aumentar seus rendimentos, aumentando a pressão sobre os recursos [...]”. Assim, o apelo ao Estado como mediador de interesses coletivos e como garantidor legal dos direitos de uso desses lugares.

Nesse aspecto, talvez para aqueles que estão distantes da realidade seja difícil entender ou explicar o motivo de ter pessoas externas que conseguem ou não adentrar nos lugares legalmente reconhecidos como terras indígenas. Nem mesmo aqueles que vivenciam a realidade, no caso os cidadãos, e que possuem intimidade com os indígenas conseguem chegar a um consenso das reais motivações.

Eu acho que tinha que fazer um trabalho de... de... não sei que nome dá pra isso... de que os indígenas entendesse que o turismo traz coisas boas, porque parece que eles foram muito trabalhados no sentido de que o turista só vem pra tirar as tradições deles, pra poluir e eles não entendem que o turismo pode trazer recursos, né? Pode ajudar a melhorar muita coisa. Então, acho que tinha que ter uma política de valorização do turismo e conscientização de que o turismo pode e, normalmente é o que acontece, melhorar toda a situação. **(Entrevistado D)**.

O Poder Público tá neutro. Tem um projeto, mas como é área indígena não é fácil, não. **(Grupo de Jovens)**.

Na verdade, essa questão por mais simplória que aparente, falando sobre as relações determinadas pelas territorialidades, na verdade envolvem aspectos históricos simbólicos que foram sendo tecidos sobre aquele espaço. Não basta apenas afirmar que “a rejeição” do índio com o branco é algo que foi criado ou uma ideia que foi semeada, pois, conforme o Coriolano (2014) destaca, o receio do nativo com o externo é algo comum dentro do turismo, citando por exemplo o caso das zonas costeiras de Fortaleza.

O turismo, enquanto atividade econômica a ser desenvolvida, demanda uma prioridade das diferentes esferas de governo no sentido de antever problemas e preparar espaços para recebê-lo. Dentro da ideia de um turismo local que os cidadãos revelaram, o envolvimento dos residentes é sim uma forma de desmistificar essa atividade e um caminho para o fortalecimento das identidades existentes. (CORIOLANO; FERNANDES, 2014).

No caso do Uiramutã, além dessa rejeição comum do turismo, a rejeição do indígena com o não índio vem de um processo histórico que marcou o reconhecimento do seu território, conforme destacamos no capítulo anterior. Retomando a percepção dos cidadãos sobre o turismo, o fato deles pensarem o visitante como um canal de divulgação e valorização das belezas.

O que não se percebe nas falas dos cidadãos é a observação de outras implicações que advém do turismo, o pensamento que se tem, talvez, seja demasiadamente de econômico. Todavia,

um dos pontos que estão sendo destaque é a relação dos locais com o turismo formalizado, ou seja, a sua reação ante a sazonalidade e modificações que o fluxo de pessoas proporciona nos lugares.

Elementos como valorização do solo, comportamentos, alterações da paisagem, elevação do custo de vida e todas aquelas situações que se revelam ante o reconhecimento dos lugares como rotas turísticas. “Quando os lugares e os monumentos são tombados ou protegidos, tornando-se relevantes para o turismo, isso significa que há um forte sentimento topofílico por parte da população que reconhece a importância histórica dos patrimônios” (SILVA, 2008, p. 30).

Eles não vão pra levar nada daqui mesmo. Eles vão pra levar só a boa lembrança do Uiramutã. Eu falo logo, porque vocês (os indígenas) não quer? É uma coisa que vai divulgar as belezas, é uma coisa que vai divulgar vocês, pra vocês ganhar mais um dinheiro. Vocês ganha tudo. Essas cachoeiras aqui, eles joga na internet e pessoal sabe no mundo, não só no Brasil. O Uiramutã é isso aqui assim... E quem vai ganhar dinheiro é vocês pra ser um guia turismo, é pra cê vender seus artesanatos e suas coisinhas que você tiver por aí. O seu caxiri, o pessoal que vende uma galinha, cria e vende. Tudo é de bem pra vocês. E vocês não quer divulgar porque os padres fecharam a memória de vocês pra todo tempo vocês ficar olhando para os pés (**Entrevistado E**).

O modo como os indivíduos vivem o lugar e seus sentimentos, inclusive em sentido de que as formas de produção advindas do turismo não devem substituir as atividades existentes, a fim de preservar e fortalecer as culturas locais. (CORIOLANO; FERNANDES, 2014). Contudo, o que é percebido na fala deles é constante e fixa ideia de desenvolver através do turismo. Eles acreditam que essa atividade trará benefícios estruturais, gerará renda e lhes afastará do isolamento geográfico.

Outro ponto importante a ser observado na pesquisa foi a caracterização do perfil do visitante, a fim de constatar se essas pessoas podem ser chamadas turistas. Das falas dos entrevistados, se pode inferir os seguintes aspectos:

- a) Presença de moradores de Roraima, em maior destaque, e visitantes de outros estados brasileiros;
- b) Jovens e famílias que buscam as belezas naturais e diversidade cultural;
- c) A duração da viagem é de 2(dois) ou 3 (três) dias durante os finais de semana e feriados;
- d) O meio de locomoção usado é, principalmente, carros particulares. Ocorrendo também visitas em excussões e ônibus intermunicipal;
- e) Demandam serviços de guia, hospedagem e alimentação.

Esse “turista”, aqui em aspas, não pode ser classificado ou identificado em apenas um modelo de turismo. Esses pontos são destacados no diálogo com os entrevistados, conforme falas abaixo:

A paisagem, a estrada é ruim, mas eles só vendo a paisagem. As vezes nem cachoeira é tanto, eles vêm sim pelas cachoeiras, mas o que eles vêm olhando na beira da estrada é o suficiente para eles vim (**Entrevistado A**).

Geralmente a gente recebe muitos turistas, como final de semana, feriadão e festas. Mas eles dormem e passam uns dois dias e vão embora (**Entrevistado C**).

20% (vinte por cento) volta, outros nem volta. Mas aqueles que vem, mostram as fotos e outros vem no lugar deles (**Entrevistado D**).

É muito difícil vim de fora. É mais de Roraima. (**Entrevistado E**).

Quando vem visitante pra cá, ultimamente vem bastante, eles só fica 01 (um) ou 02 (dois) dias. Eles vêm mais para visitar as cachoeiras (**Entrevistado B**).

Por sua vez, mesmo havendo uma perspectiva de que essas atividades venham impulsionar o desenvolvimento da comunidade a qual se inserem, ao passo que se induz a educação ambiental, a valorização da cultura local, o incentivo à preservação do meio ambiente e promoção de conscientização dos atores envolvidos, elas podem representar riscos a região onde são implantadas quando realizadas sem observâncias aos parâmetros de segurança necessários, bem como ante a falta de planejamento adequado. A precariedade da estrutura turística é confirmada na observação dos meios de estadia utilizados pelos visitantes, de acordo com 97% dos participantes, as pousadas tem sido a opção mais comum (Figura 18).

Pensar o turismo como oportunidade de melhoria de vida não é algo específico dos moradores do Uiramutã, esse tipo de raciocínio é comum em diferentes lugares e se expandiu com a globalização das informações. No entanto, ele, enquanto atividade econômica, segue o fluxo do mercado global que converte os lugares em produto passível de comercialização.

O turismo, para se reproduzir, segue a lógica do capital, quando poucos se apropriam dos espaços e dos recursos neles contidos, apresentando-os como atrativos transformados em mercadorias. Assim, o espaço geográfico não é suporte nem reflexo da ação da sociedade, mas um produto social. (CORIOLANO, 2005, p. 299).

Mas, ao tempo que se produz de modo selvagem ele, o turismo, também pode ser desenvolvido de modo menos agressivo, desde que sejam respeitadas as singularidades. No caso em questão, a singularidade pode ser pensada por diferentes perspectivas, mas aqui mencionamos uma das mais recentes, legalmente, o entendimento da Fundação Nacional do Índio conta com a Instrução Normativa 003/2015-FUNAI, que traz como diretrizes necessárias os seguintes elementos:

Art. 4º São diretrizes gerais a serem observadas nos processos de autorização de atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas:

1 - o respeito e o fortalecimento da identidade, usos, costumes e tradições, bem como da autonomia e das formas de organização próprias dos povos indígenas;

- II - a proposição de atividades em bases sociais, ambientais e economicamente sustentáveis;
- III - a promoção do diálogo e da cooperação entre os povos indígenas e a Funai para o controle de visitantes em terras indígenas, visando fortalecer as ações de desenvolvimento sustentável, bem como as ações de proteção territorial e ambiental das terras indígenas;
- IV - a observância do direito de consulta prévia, livre e informada às comunidades indígenas e do direito ao usufruto exclusivo sobre suas terras e riquezas naturais; (grifo nosso)
- V - o controle e a fiscalização do ingresso em terras indígenas pela Funai.

Essa norma favorece aos povos indígenas que buscam a apropriação dessa atividade e protege-os contra a exploração externa dentro dos seus territórios, como é o caso das cachoeiras do Uiramutã. Tanto que em 2016, a FUNAI notificou as cinco agências⁷ de turismo que estavam explorando a região. Como visualizado na Figura 17, existem pousadas e hotéis no município, alguns mais recente e outros com mais de 7 (sete) anos de funcionamento.

Figura 17 - Hotéis e Pousadas



Fonte: A autora (2017). Acervo pessoal.

⁷ Agências de Turismo com sede em Boa Vista-RR, foram notificadas após denúncias de algumas lideranças indígenas. O fato se deu em virtude das constantes presenças de não-índios nas cachoeiras da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, especificamente na região do Uiramutã. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/cinco-agencias-sao-notificadas-por-turismo-irregular-em-terra-indigena-de-roraima.ghtml>>. Acesso em: 20 maio 17.

Quando se pondera os locais mencionados como pontos de visitação comum entre os cidadãos e visitantes, o que se tem é um turismo informal dentro do território indígena reconhecido, conforme apontamentos do capítulo I. Essa informalidade pode ser vislumbrada nas estruturas dos principais locais de hospedagem (Figura 18). Essas construções revelam, ainda, uma modificação na paisagem do município e de certo modo influência na percepção do moradores da sede quanto o turismo.

Eles passam a vislumbrar no turismo, uma possibilidade de renda e interação com indivíduos que estão hoje afastados. Ao mesmo tempo, revela a ausência de ações do Estado frente a articulação desses interesses, pois, como já mencionado, existem modificações advindas do turismo que podem impactar negativamente na paisagem cultural e natural do lugar.

Ante essas percepções, o que se revela são possibilidades de investigações sobre as alterações do espaço e da paisagem resultante das novas perspectivas dos indivíduos. Também ressaltam a capacidade do turismo em modificar o modo de produção e reprodução do espaço e, conseqüentemente, nos hábitos dos munícipes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das experiências de campo no Uiramutã, se verificou que os fortes laços afetivos dos indivíduos para com o seu espaço influenciam no modo como eles vivenciam o lugar. As formas de uso dos elementos que ali existem revelam o anseio por um modo de produção que venha a contribuir com a melhoria de todos.

Aqueles que ali habitam, mesmo percebendo as mudanças ao longo do tempo, acusam o pouco desenvolvimento do município. No entanto, os que se detêm nesse pensamento pouco percebem as novas ressignificações que lhe são postas. Permutando entre um passado, não tão distante, e entre possibilidades de um futuro, as pessoas passam a vislumbrar uma alternativa de mudança com o turismo.

Sabendo que o turismo, mesmo com toda ênfase que lhe é dada, não traz um modelo padrão de sucesso, nem tampouco corresponde a uma opção compatível com todo ambiente. Ainda sim é importante frisar que para além da fantasia e do pensamento reducionista que o envolve, está a capacidade dele em mudar e produzir novas formas e usos ao lugar. Dessa maneira, atentando aos objetivos da presente pesquisa, as evidências demonstraram como o turismo está sendo percebido pelos cidadãos, assim como, de modo essa atividade tem exercido influência sobre a caracterização do lugar.

O que se tem vivido e experimentado em termos de turismo pelos residentes é visto legalmente como uma violação ao direito dos povos indígenas e seus territórios, dado que a legislação impede que esse tipo de ação ocorra sem o aval dos povos indígenas, por meio de projetos aprovados como o IN 03/2015-FUNAI. Contudo, essa informalidade, como visualizado na fala dos entrevistados, envolve algo mais, ela remete as relações de sociabilidade do lugar e compõe a sua paisagem cultural.

Essas relações são marcadas por contradições e fatos históricos, uma vez que, os cidadãos e os indígenas estão durante maior parte do tempo interagindo. Essa interação ocorre pelas trocas de mercadorias, pelas relações de parentesco e por questões particulares de cada um. Por isso, que ouve-se que alguns conseguem ou não ter acesso a determinadas cachoeiras e, até mesmo, fazer esse trajeto com visitantes.

Continuando as considerações sobre as percepções, aproveitando os apontamentos levantados, a paisagem descrita através dos moradores é ilimitada. Essa questão de limite,

perpassa no próprio sentido de fronteiras. Visto que a complexidade da definição que envolve o termo da fronteira se forma na interatividade entre sujeitos e entre sujeitos e ambiente, compreender-se a sua multifacetariedade enquanto sujeito de estudo aparentemente não parece ser passível de redução a apenas um aspecto. Outro ponto, seria a investida de subdividi-la no plano cartesiano, em diversas partes e tantas essas que após suas diferentes interpretações ou descrições, se consiga a configuração do objeto. (DITTRICH, 2013).

Assim, a demonstração dos pontos sugeridos como partes de uma rota turística e do lazer dos residente ainda que inseridos na Terra Indígena Raposa do Sol, são partes da identificação deles com o lugar e , de certo modo, fogem ou ignoram as fronteiras e limites que lhes foi posto. Elas compreendem a sua percepção da paisagem natural e cultural.

Pensar que o fato do município não contar uma infraestrutura que atenda as necessidades básicas dos seus cidadãos em termos de cidade é um contraditório singular. As pessoas que ali habitam, mesmo entre os recém-chegados, não anseiam mudar-se de lá. Eles almejam ter, dentro do seu espaço, todo aparato de uma cidade, mas, ao mesmo tempo receiam que esse desenvolver altere física e socialmente a sua realidade atual.

Nesse ponto, a relação do Estado como mediador é de extrema importância. Sabendo que, o papel de interventor do Estado encontra fundamento na existência conflitos através do consenso de que age em prol da coletividade. Pois, como exposto pelos moradores, até então o Estado se mantém numa posição de repouso acerca do turismo. No entanto, a necessidade de uma papel ativo, seja para fiscalizar ou/e regulamentar a prática se faz evidente.

As implicações do turismo são de natureza emergente, visto que, as percepções entre os moradores revelaram a prasnça da prática e, ao mesmo tempo, seus interesses sobre ela. Na maioria das falas, o clamor pelo turismo reflete uma demanda por políticas públicas, principalmente de infraestrutura, uma vez que, eles vislumbram que o turismo trará esses elementos, tais como a melhoria dos equipamentos de lazer e acessibilidade.

Ao mesmo tempo, o relatos dos cidadãos revelaram a existência de consenso quanto ao papel do Estado sobre a legitimação para a intervenção nas questões territoriais. Eles reclamam os limites que a demarcação impõe sobre o avanço econômico do município, mas, ao mesmo tempo, reconhecem o direitos dos "parentes" sobre os territórios demarcados. Da análise das falas, se verificou que a contradição deles envolve o acesso as cachoeiras. O fato do processo demarcatório não ter reservado ao perímetro urbano nenhuma cachoeira.

Assim, na percepção dos entrevistados, questões de cunho desenvolvimentistas necessárias, são perdidas por conta do limite territorial legal. Onde, o que se tem na verdade, é uma ausência do Estado como mediador dessas questões. Diante dessas reflexões é que se chega ao contexto das políticas públicas, que a grosso modo se resumem numa atuação do Estado, que no uso do poder e na busca pelos equilíbrios entre as classes sociais, se relaciona com a sociedade. A dinâmica entre Governantes e governados, dentro do modelo político ao qual a sociedade adota, vislumbra um resgate entre a teoria política e prática política.

No sentido atribuído ao turismo, eles se revelaram favoráveis e inclinados a consolidação do município como rota turística. Todos os participantes mencionam o papel articulador do Estado, apesar da relação histórica conflituosa, deve se apresentar como articulador da atividade turística a fim de contribuir com o desenvolvimento e com o controle sobre o meio de maneira a evitar os impactos negativos dessa prática, até mesmo como mediador ali, principalmente considerando a TIRRS. O lugar carece de políticas e diretrizes condizentes como realidades das comunidades receptoras.

A questão indígena, embora soe simples na fala dos entrevistados, não é algo fácil de resolver. Os moradores da sede, dependendo da sua relação com os indígenas, fazem uso dos espaços ora para o lazer, ora para o turismo. Mesmo com todas as implicações legais quanto ao uso e direito sobre as terras indígenas, elas não restringem a presença do terceiro nesses espaços.

Isto posto, como a paisagem não é estática, seus elementos são modificados e permutam de sentido em consonância aos interesses do homem. Nessa perspectiva, a imposição de limites ao que antes era de todos implicou numa remoldagem por parte dos indivíduos quanto a uso e fluxo dentro limites territoriais reestabelecidos. O espaço que antes correspondia a uma vila, agora representa um ente federado do Estado Nacional e, como consequência, recebe novo sentido, o de cidade.

A categorização dele enquanto cidade traz a concepção deste como um espaço urbano. O espaço urbano, conforme Corrêa (1995, p. 8), “é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais presente”. Nesse sentido, as falas dos entrevistados mostram que o valor atribuído por eles ao lugar não se limita apenas a sede do município, mas englobam todo o território, inclusive a TIRSS, pois, a paisagem que lhes desperta sentimentos e cria laços não sofreu demarcação.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri; SILVA, Maria. **Rearticulações sociais da terra e do trabalho em áreas em áreas de grandes projetos hidrelétricos na Amazônia.** In: ZHOURI, A.(Org.). *As tensões do lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental.* Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 61-92.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.* Pioneira, 2000.
- AZEVEDO FILHO, João D. et al. *A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas.* 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Preservação do meio ambiente torna destinos mais competitivos.** Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5381-preservacao-do-meio-ambiente-torna-destinos-mais-competitivos.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- _____. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas.** / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 90p.
- _____. FUNAI. **Instrução Normativa n. 15 de 12 de maio de 2015. Diário Oficial da União.** Brasília03 de junho de 2015. Disponível em:<http://www.lex.com.br/legis_26886426_INSTRUCAO_NORMATIVA_N_3_DE_11_DE_JUNHO_DE_2015.aspx>. Acesso em: 23 mai. 2017.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões.** São Paulo: Editora Ática, 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa-Portugal: Edições v. 70, 2011.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** Papirus Editora, 2006.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** 11ª edição. São Paulo: SENAC, 2006.
- _____. MOESCH, Marutscka. **A Teoria da Complexidade e o Ecossistema do Turismo.** Turismo, Visão e Ação, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017.
- BOITEUX, Bayard Coutto.; WERNER, Maurício. **Introdução ao estudo do turismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planificación del espacio turístico.** 4ª edição. Mexico:Trillas, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O turismo e a produção do não-lugar. Turismo: Espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CASTRO, Iná Elias. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições.** Bertrand Brasil, 2005.

CLAVAL, Paul. **O território na transição pós-modernidade.** GEOgraphia, v. 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

_____. **Espaço e território: as bifurcações da ciência regional. Espaço e Economia.** Revista brasileira de geografia econômica, n. 1, 2012. 84 p.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios.** América Latina: cidade, campo e turismo, organizado por Amália Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo y María Silveira, p. 367-378, 2006.

_____. A exclusão e a inclusão social e o turismo. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, v. 3, n. 2, 2005.

_____. **O turismo e a relação sociedade-natureza – realidades, conflitos e resistências.** Ceará: Eduece, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades.** Território, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 41-53, 1999.

_____. ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço.** EdUERJ, 1999.

_____. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para pensar a realidade brasileira.** Aportes y Transferencias, v. 12, n. 2, p. 25-45, 2008.

_____. **Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço.** 2006.

CRUZ, Jocilene Gomes de; NOVO, Cristiane Barroncas Maciel Costa. **Turismo comunitário: reflexões no contexto amazônico.** Manaus: Edua, 2014.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo.** São Paulo: Atlas, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais.** In: DIEGUES, A. C.; Moreira, A. C.; (Org.). Espaços e recursos naturais de uso comum. São Paulo: Nupalbe-USP, 2001. p. 97-138..

DITTRICH, Ivo José. **Apresentação, representação e metaforização das fronteiras: reflexões interdisciplinares.** Textos e Debates, v. 2, n. 22, 2013.

FALCÃO, M. T.; COSTA, J. A. V. **Paisagem geomorfológica da terra indígena Raposa**

Serra do Sol–Uiramutã/Roraima/Brasil. Revista Geonorte. Edição Especial, v. 4, p. 71-75, 2014.

FARIA, Ivani Ferreira. **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2001.

_____. **Ecoturismo indígena, território, sustentabilidade, multiculturalismo: princípios para autonomia.** 2007. 204 p. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **Ecoturismo indígena: Wakottinai necessária na Yauara Akanga.** In Anais do X Encontro de Geógrafos da América latina – 20 a 26 de Março de 2005. São Paulo, Universidade de São Paulo, pp. 4749-4763.

_____. **Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas.** Revista de Turismo, p. 63, 2005.

GARÓFALO, Gílson de Lima; SANTOS, Jean Carlos Vieira; DE PINHO, Terezinha Filgueiras. **NOS CAMINHOS DA RAPOSA SERRA DO SOL (RORAIMA): AREGIÃO, FORMAS DE CONTEMPLAÇÃO, USOS E APROPRIAÇÕES.** Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-18, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820680.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade.** Boletim Gaúcho de Geografia, v. 29, n. 1, 2005.

_____. **Identidades territoriais. Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-190, 1999.

JAPIASSU, Hilton. **A questão da interdisciplinaridade.** Seminário internacional sobre reestruturação curricular. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, 1994. Disponível em <<http://educacaotiete.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em :17 de abril de 2018.

LAURIOLA, Vincenzo M. **Terras indígenas e recursos comuns frente aos desafios do pluralismo jurídico e da sustentabilidade.** Direito, v. 3, n. 16, 2015.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações.** São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico.** 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NEVES, Leandro Roberto. **Psicossociologia urbana catástrofe socioambiental de enchente - um estudo de caso.** Curitiba: Juriá, 2016.

NOGUEIRA, Elizabete Melo. **Etnodesenvolvimento e Educação Indígena: Problemas e**

Perspectivas para a Implantação do Enoturismo na Terra Indígena Raposa Serra do Sol na TIRSS, Região Ingarikó - WÏ TÏPÏ. 2013. 144 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2013.

_____.; COSTA-NETO, C.P.L.; SILVA, G.P. **Qualificação profissional como suporte para implantação do etnoturismo na comunidade indígena Ingarikó (RR).** Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.6, n.2, mai/jul-2013, pp.424-441.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia.** São Paulo: Aleph, 2005.

_____. Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. In: Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 8(1), pp.120-144.

_____. Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Cenários do turismo brasileiro.** São Paulo: Aleph, 2009. – (Série Turismo).

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural: Uma visão antropológica.** El Sauzal .Tenerife España: ACA y PASOS, RTPC. 2009.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do Ecoturismo.** São Paulo: SENAC, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª Ed. Editora: Feevale, 2013.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia.** São Paulo: Editora Best Seller, 1999.

SANTILLI, Paulo. **Pemongon Patá: território macuxi, rotas de conflito.** São Paulo: UNESP, 2001. 86 p.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 5ª Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Política e poder na Amazônia: o caso de Roraima (1970-2000).** Editora UFRR, EDUFRR, 2013

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edileuza Lopes Sette. **Plano de uso público do Parque Nacional do Monte Roraima: proposta de estruturação de uma cadeia produtiva de ecoturismo na calha do rio Cotingo,**

com base nos princípios da economia ecológica. 2009. 128 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS. 2009.

SILVA, Glaubécia Teixeira da. **Percepções sócio-espaciais e de turismo em Paricatuba-Iranduba-Amazonas.** 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas. Manaus: UFAM, 2008.

REPETTO, Maxim. **Movimentos indígenas e conflitos territoriais no Estado de Roraima.** Roraima: Editora UFRR, 2008.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Impactos ambientais do turismo ecológico no Brasil.** Revista Turismo em Análise, v. 4, n. 1, p. 56-68, 1993.

_____. **A experiência do turismo ecológico no Brasil: um novo nicho de mercado ou um esforço para atingir a sustentabilidade.** Turismo-Visão e Ação, v. 2, n. 5, p. 81, 2000.

RORAIMA. Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima. **Informações socioeconômicas do município do Uiramutã 2014.** Boa Vista: CGEES/SEPLAN/Roraima, 2014, 75p.

ROSENDAHL, Zeny. **O sagrado e o espaço. Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 119-153, 1997.

_____. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião.** Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 191-226, 2005.

TELES, Reinaldo. **Fundamentos geográficos do turismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI.** Editora Garamond, 2005.

VIEIRA, Jaci G. (Org.). **O Rio Branco se Enche de História.** Boa Vista: UFRR, 2008.

_____. **Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra- 1777 a 1980.** Boa Vista: UFRR, 2003.

TELES, Reinaldo. **Fundamentos da geografia do turismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Geografia Humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p.143-164.

_____. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas.** São Paulo: Contexto, 2001.

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA – PESQUISA SOBRE A PERCEÇÃO DOS MORADORES DA SEDE DO UIRAMUTÃ

1. Você gosta de morar município? Por que?
2. Quais características que marcam o município (Locais, manifestações culturais e eventos tradicionais existentes a mais de 20 anos)? Eles mudaram?
3. E com relação a infraestrutura (edificações, urbanização, organização da cidade), ela mudou muito nos últimos 20 anos? O que você nota de diferente?
4. Que lugares as famílias se reúnem para atividades de lazer (assar uma carne, dançar, conversar, tomar um banho...)? Qual o mais frequentado?
5. Para você esses lugares são valorizados pelos moradores e pelo poder público? Por que?
6. O que falta, em termos de melhorias, no município?
7. O que o município tem de especial que poderia ser usado para benefício de todos (que poderia servir para aumentar a renda ou gerar empregos e riqueza)? Por que?
8. O que falta para isso se tornar uma realidade?
9. O que, na sua opinião, falta em termos de cidade no município?
10. Dentro do contexto social do município, qual o morador que possui maior influência junto à comunidade e ao poder público aqui? Por que?
11. O município recebe muitos visitantes? Durante quanto tempo eles costumam ficar?
12. O que você acredita ser o motivador das visitas ao Município?
13. Na sua opinião, a presença desses visitantes é boa? Porque?
14. Que locais as pessoas costumam frequentar durante sua passagem?
15. Esses visitantes costumam retornar ao Município?
16. Eles são moradores de Roraima ou de outros lugares?
17. Como eles chegam até o município (eles veem por agências de turismo, por indicação de pessoas que já visitaram ou por convite de pessoas do município)?
18. Em sua opinião, quem tem interesse na presença de visitantes no município? Porque?
19. Qual o posicionamento do município (órgãos públicos) acerca das visitantes (incentivam, fiscalizam, não fazem nada...)?
20. Na sua opinião, essas visitam parecem turismo no município? Por que? Como ele ocorre?
21. Existe algum projeto ou interesse dos moradores para desenvolver o turismo? Qual?
22. Quando o assunto é turismo, quem é a pessoa mais envolvida com essa prática aqui?

ANEXO B - QUESTIONÁRIO DO PERFIL DA POPULAÇÃO DA SEDE DO UIRAMUTÃ

1. Como você se identifica:

Roraimense

Uiramutansense

Indígena _____

Outro, qual? _____

2. Qual é sua faixa etária?

menor de 18 anos de 18 a 28 anos de 29 a 39 anos de 40 a 50 anos
de 51 a 61 anos de 62 a 72 anos acima de 72 anos

3. Sexo: masculino feminino

4. Estado civil: solteiro casado divorciado viúvo

5. Grau de escolaridade:

Ensino fundamental incompleto completo

Ensino médio incompleto completo

Ensino superior incompleto completo

Pós-graduação incompleto completo

Mestrado incompleto completo

Doutorado incompleto completo

6. Profissão:

Desempregado

Rural (Atividades de pecuária ou agricultura)

Serviço Público (Comissionado/Efetivo)

Serviço Privado (Empregado)

Autônomo

Outros _____

7. Há quanto tempo você reside no município?

Menos de 1 ano

1 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 15 anos

16 a 20 anos

21 a 25 anos

mais de 25 anos

nunca morei em outro lugar

8. Qual a sua renda?

Salário mínimo

Entre R\$ 1.000 e 3.000

Entre R\$ 3.000 e 5.000

Mais de R\$ 5.000

Não possuo renda.

9. Você possui meio de transporte? Qual?

Carro Motocicleta Carro e Moto Bicicleta Não possuo

10. Você tem residência própria?

Casa própria Casa alugada Não, moro com familiares Casa cedida

11. Como você descreveria a vida no Uiramutã?

Tranquila Agitada

12. Você moraria em outro lugar?

Sim Não

13. Quais do item abaixo melhor representa a identidade do caracterizam o Uiramutã?

Cachoeiras Monte Roraima Comunidades indígenas Riqueza mineral Cultura local

14. Como você gosta de viver aqui?

sim não

15. O que poderia melhorar ?

Serviços públicos (segurança, saúde, educação, infraestrutura)

Oportunidades de renda (Empregos)

Lazer (praças, quadras esportivas, cinema etc)

Nada, está bem assim.

16. Com relação a presença de visitantes no município:

É comum Quase nunca ocorre Existem datas específicas

17. Quando as pessoas visitam o município, o que elas costumam procurar?

Comunidades indígenas cachoeiras Festejos locais Monte Roraima

Aventuras nas montanhas

18. Qual o local elas ficam hospedadas?

Pousada. Qual? _____

Casa de familiares e amigos

Acampamentos

Comunidades Indígenas

19. A presença do visitante é boa para o município? Por que?

20. Você acha que a população local é favorável a presença de visitantes?

Sim, por que? _____

Não, por que? _____

ANEXO C – CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro, para os devidos fins, que concordo em participar do Projeto de Pesquisa intitulado PAISAGEM E O TURISMO: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO SOCIOESPACIAL DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DO UIRAMUTÃ-RR, sob a responsabilidade da pesquisadora GIULIANA VENANCIO DO NASCIMENTO, da UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, respondendo aos questionamentos pertinentes à pesquisa e facilitando o acesso aos dados da localidade e as informações correlatas.

Assinatura do responsável:

Identidade:

CPF:

Fone(s) para contato:

ANEXO D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Instituição: Universidade Federal de Roraima / Curso: Mestrado em Sociedade e Fronteiras

Título: Percepções socioespaciais da paisagem e do turismo no Uiramutã-rr

Pesquisadora: Giuliana Venancio do Nascimento

EU, _____, fui convidado a participar da pesquisa acima mencionada pela pesquisadora Giuliana Venancio do Nascimento, mestranda na Universidade Federal de Roraima do curso de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras. O presente estudo tem como objetivo analisar a percepção socioespacial dos atores sociais do Uiramutã-RR quanto a paisagem e a prática do turismo. Na qual estarei respondendo questionamentos sobre a minha percepção sobre a paisagem e o turismo no Uiramutã. Para tanto, autorizo a gravação dos diálogos estabelecidos e sua posterior transcrição, análise e reprodução para fins científicos.

Quaisquer registros feitos durante a pesquisa não serão divulgados, mas o relatório final, contendo citações anônimas, estará disponível quando estiver concluído o estudo, inclusive para apresentação em encontros científicos e publicação em revistas especializadas (garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa). Não haverá benefícios diretos ou imediatos para o participante deste estudo.

Este TERMO, em duas vias (garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), é para certificar que eu, _____, na qualidade de participante voluntário, aceitei participar do projeto científico acima mencionado, consciente de que esta não gerará ganhos financeiros de quaisquer naturezas.

Tendo em vista que pesquisas de cunho qualitativo que englobam narrativas, questionários e entrevistas podem acarretar riscos aos seus participantes, informamos que em nenhum momento os dados obtidos serão utilizados de forma a denegrir ou promover a imagem dos envolvidos. Visto que, esta é uma pesquisa caráter científico cujo o interesse é apenas a realização de uma abordagem metodológica das percepções dos moradores acerca da paisagem e do turismo no Uiramutã.

No entanto, a participação nesta pesquisa trará riscos, tais como o desconforto que o sujeito poderá sentir de compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que ele possa se sentir incômodo em falar, sendo garantido ao participante o direito a se abster em falar sobre o tema que lhe gere desconforto. Contudo, visando amenizar isto será garantida ao participante o direito a realizar perguntas quanto aos usos e finalidades do presente trabalho, bem como, da garantia de esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e

assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ ou a interrupção da pesquisa. Também estará livre para recusar e retirar meu consentimento, encerrando a minha participação a qualquer tempo, sem penalidades em qualquer tempo.

Por fim, os custos e ganhos desta serão para a população local, para os órgãos e sociedade. Não há gastos decorrentes da sua participação, e os tratamentos deverão ser totalmente gratuitos, não recebendo nenhuma cobrança com que será realizado por meio do resultado final da pesquisa, tais como: utilização em dissertação, tese apresentação em seminários e/ou divulgação através de publicação.

Assinatura do Participante:

RG:

Data: / /

Eu Giuliana Venancio do Nascimento (pesquisador responsável) declaro que serão cumpridas as exigências contidas nos itens IV. 3 da Res. CNS nº 466/12.

Assinatura:

Nome do Pesquisador responsável: